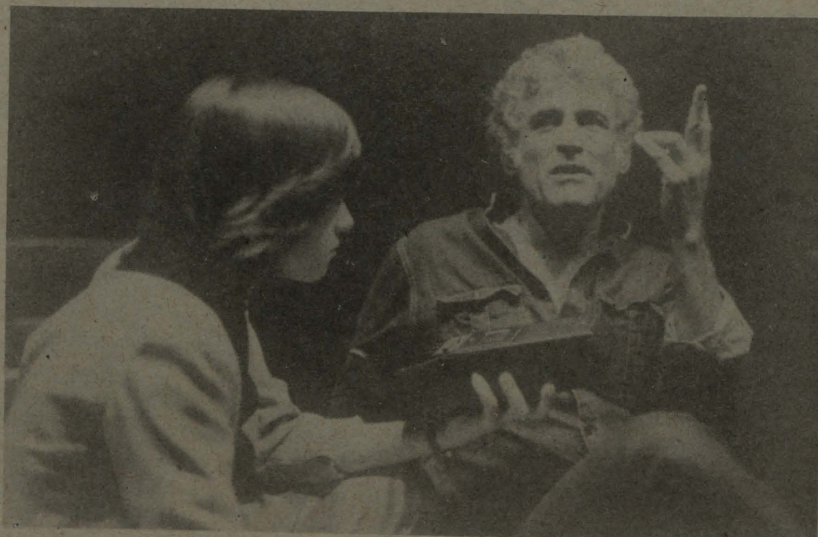


CAMPUS

JORNAL LABORATÓRIO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO • UnB • Nº 39 • JUNHO 82

Foto Francisco José



▲
**Ziraldo encontra
sua Turma e
Fala ao *Campus***

Pág. 6 e 7

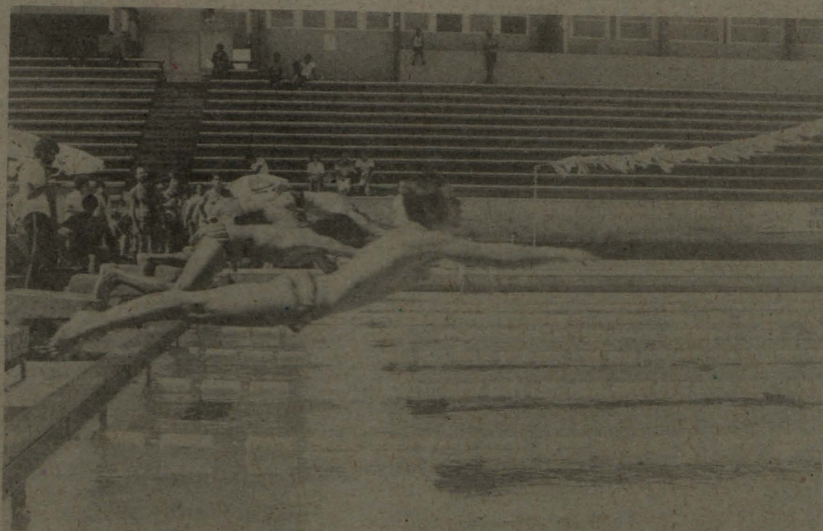
**Negros já
Reivindicam
seu espaço**

Pág. 5

Foto Arquivos



Foto Márcio Condello



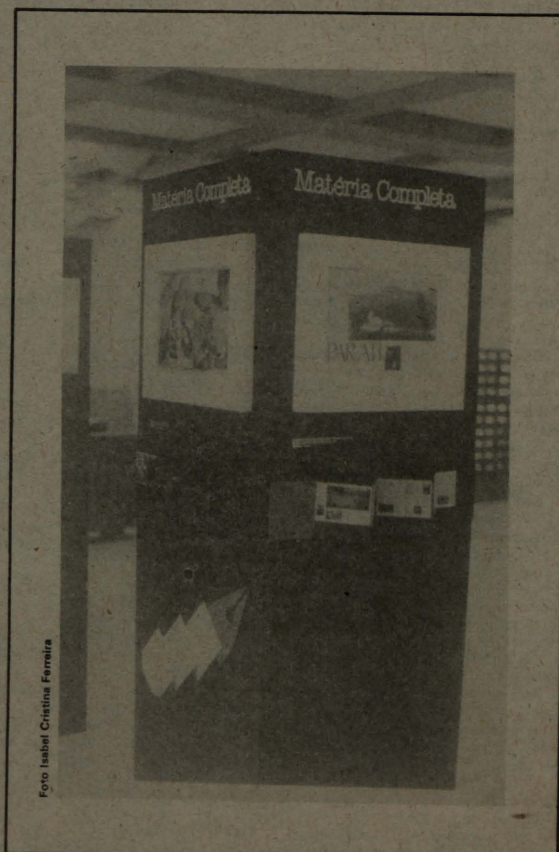
▲
**Em tempo de
Copa, a vez
do esporte amador**

Pág. 12

**Na exposição
exemplos de
bom jornalismo**

Pág. 2

Foto Isabel Cristina Ferreira



UnB Acolhe os Premiados da Abril

De 1º a 9 de junho estiveram expostos, no saguão da Biblioteca Central da UnB, todos os trabalhos vencedores do VII Prêmio Abril de Jornalismo (81/82). Tal Prêmio foi instituído pela diretoria da Abril, "com o objetivo de premiar os melhores trabalhos produzidos pelo pessoal da casa — jornalistas, fotógrafos, arte-finalistas etc, desde 1976".

A Comissão Julgadora deste ano, composta por Carmem da Silva, Antonio Ermírio de Moraes, Audálio Dantas, Jaime Lerner, José Mindlin, Júlio Ribeiro, Mário Henrique Simonsen, Millôr Fernandes, Milton Coelho da Graça, Pietro Maria Bardi, Rubens Vaz da Costa, Thomaz Souto Correa e Roberto Civita, sob a presidência deste último, reuniu-se no dia 13 de fevereiro, na sala de reuniões da presidência da Abril, para escolher os trabalhos vencedores do ano de 1981.

Foram selecionados cerca de 130 trabalhos, nas categorias de Atualidades, Serviços, Artes Gráficas, Fotografia e Humor. Contudo, esta última será extinta a partir do VIII Prêmio, no ano que vem, pois Ziraldo, por seu excelente trabalho tanto na área de humor como na de ilustração, tornou-se, a partir deste ano, "hors-concours", por já ter sido premiado cinco vezes.

São subcategorias de Atualidades: política, economia, negócios, ciência e tecnologia, esportes, cultura/artes e espetáculos, reportagem geral e entrevista; as de Serviço compreendem: moda, beleza, decoração, cozinha, turismo, saúde, comportamento, técnica e lazer; já as de Artes Gráficas são: capa, abertura, matéria completa, ilustração, vinheta/caricatura, mapa/gráfico e história em quadrinhos nacional (ou feita no Brasil); por fim, em Fotografia são analisadas: foto em cor, foto em branco e preto, foto de estúdio, ensaio, reportagem e retrato.

A partir deste ano surgiu uma nova filosofia: além da premiação, os trabalhos



Os trabalhos premiados pela Abril estiveram expostos na Biblioteca Central.

vencedores foram expostos no Museu de Arte de São Paulo — MASP (em abril), na Associação Brasileira de Imprensa — ABI (em maio) e na Universidade de Brasília — UnB (em junho).

O motivo da exposição na UnB partiu da idéia de Roberto Civita de mostrar aos universitários, especialmente aos do curso de Comunicação, o que há de melhor na área.

Estiveram presentes à inauguração, no dia 1º de junho, às 11 horas, em nossa Biblioteca: Roberto Civita (diretor superintendente da Editora Abril), Luiz Edgar Pereira Tostes (gerente regional da Abril),

Augusto Nunes (redator-chefe da revista Veja), Luís Cláudio Cunha (chefe da sucursal de Veja em Brasília), José Carlos de Almeida Azevedo (reitor da UnB), Carlos Henrique Cardin (decano de extensão), Sérgio Dayrell Porto (chefe do Departamento de Comunicação), Eurides Brito (Secretaria de Educação e Cultura do DF), Roberto Pompeu de Souza (representante da ABI em Brasília) e outros.

Calcula-se que uma média de 3.000 pessoas visitaram a exposição diariamente.

Durante a semana da exposição, foram proferidas quatro palestras no Departa-

mento de Comunicação: Augusto Nunes, redator-chefe da Veja, falou sobre "Jornalismo Político", no dia 1º; Eduardo Octaviano, diretor de Redação de infantis, falou sobre "História em Quadrinhos", no dia 3; Carmo Chagas, editor de "Som do Sertão", falou sobre "A experiência de uma revista sobre música sertaneja", no dia 4; e, por fim, Fátima Ali, diretora da revista Nova, discutiu o papel do jornalismo feminino, no dia 8.

A partir de 83, um novo incentivo no Prêmio Abril: serão concedidos prêmios de viagem-estágio ao exterior aos primeiros colocados nas diversas categorias. (Isabel Cristina Ferreira).

As Verdades de um Redator-Chefe

Augusto Nunes, redator-chefe da revista *Veja*, em entrevista ao *Campus*, comentou que "o jornalista deve dizer a verdade e reportar os fatos como eles são", apesar da atividade jornalística ainda sofrer restrições. A seguir a entrevista na íntegra:

Campus: Qual a sua idade e formação universitária?

Augusto Nunes: Eu tenho 32 anos e estudei Direito na antiga Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, até o 5º ano, e Jornalismo na Faculdade de Comunicações da USP, até o 3º ano. Contudo, não concluí nenhum curso universitário.

Campus: Que atividades você desenvolve como redator-chefe da revista *Veja*?

Augusto Nunes: Sou redator-chefe desde agosto de 1981. Em resumo, eu cuido da operação da revista: coordeno o trabalho das sucursais, supervisiono o fluxo de pautas, acompanho a feitura de matérias na Redação de São Paulo etc. Além disso, escrevo e edito matérias de capa e matérias especiais.

Campus: Quais os outros lugares em que trabalhou, antes da *Veja*?

Augusto Nunes: Trabalhei como revisor dos extintos Diários Associados entre 1970 e 1971, e no Estado de São Paulo, de 1972 a 1973, como repórter e, depois, como subchefe de reportagem.

Campus: Que outros cargos você já ocupou na *Veja*?

Augusto Nunes: Comecei na *Veja* como redator, encarregado das seções de "cidade" e "educação". Mais tarde, fui editor-assistente da edi-

toria "Brasil", editor de "Brasil" e, por fim, redator-chefe.

Campus: Qual a sua visão sobre o papel do jornalista?

Augusto Nunes: Entendo que o jornalista deve dizer a verdade e reportar os fatos como eles são. Há uma frase de Hanna Arendt que diz, mais ou menos, o seguinte: "Sempre haverá esperança enquanto existirem homens dispostos a dizer que é, e que acontece porque é". Acho que esta frase resume o papel do jornalista.

Campus: Qual o significado político de uma revista como *Veja*?

Augusto Nunes: A *Veja* é uma revista que expressa o pensamento de uma faixa da classe média brasileira, que eu definiria como liberal-democrática no campo da política, e conservadora com relação aos costumes.

Campus: Como você vê o conservadorismo de *Veja*?

Augusto Nunes: Com naturalidade, pois *Veja* expressa o pensamento de uma camada muito importante da sociedade brasileira.

Campus: Você se considera um conservador?

Augusto Nunes: Não. Considero-me um liberal-democrata.

Campus: Como, então, você compatibiliza a sua posição com a de *Veja*?

Augusto Nunes: Eu não vejo incompatibilidade alguma entre o meu pensamento e o meu trabalho em *Veja*.

Campus: A *Veja* é uma revista mais factual ou interpretativa e opinativa?

Augusto Nunes: Uma revista semanal de informação, como é o caso de *Veja*, deve dizer, não apenas, o que aconteceu, e, sim, o que está

acontecendo. Por isso, deve reportar os fatos importantes do momento e, também, interpretá-los.

Campus: Que conselhos você daria para os jovens jornalistas, com base em sua experiência profissional?

Augusto Nunes: Acho que os jovens jornalistas devem preocupar-se com a sua formação profissional e com o seu aprimoramento técnico. Evidentemente, um jornalista tem de situar-se diante do mundo e da época em que vive, o que exige posições políticas claras. Mas, de pouco adianta ter alguma idéia, se falta instrumental para transmiti-la aos leitores.

Campus: O que você acha: o curso de Jornalismo deveria ser uma pós-graduação de Economia, por exemplo, ou uma graduação, como é hoje?

Augusto Nunes: O curso de graduação em Jornalismo é necessário, mas deve ser bastante aprimorado. Atualmente, ele se limita a diplomar profissionais, geralmente, despreparados para o exercício desta atividade.

Campus: Como você vê a atividade jornalística hoje, no Brasil?

Augusto Nunes: A atividade jornalística sobre as restrições que, inevitavelmente, decorrem de um regime que, se já não é mais a ditadura dos tempos de Médici, ainda não é uma democracia. Sofre, também, as consequências do despreparo de centenas de profissionais.

Campus: E o mercado de trabalho?

Augusto Nunes: Sofre, como sempre sofreu, pressões políticas de anunciantes e dos próprios leitores; pressões que impedem a preservação da decência profissional.

Campus: Concluindo, qual é o futuro do jornalismo, na sua opinião?

Augusto Nunes: O passado, o presente e o futuro do jornalismo se resumem numa única frase: a busca da verdade. (Entrevista a Isabel Cristina Ferreira).

JORNAL-LABORATÓRIO Nº 39

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
JUNHO 1982

Publicação Mensal do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Edição e Programação Visual a cargo das disciplinas "Técnicas de Jornal e Perifólio I" e "Paginação e Revisão" Campus Universitário, Asa Norte, 70.000 Brasília, DF.
Diagramação: Isabel Cristina Ferreira (pág. 2) Manoel Henriques (pág. 3) Beatriz de Castro Serra (pág. 4) Antonio Emílio (pág. 5) Inez de Podestá (pág. 6 e 7) Paulo Xavier Mattoso e Iara Altafin (pág. 8) Mércia Martins (pág. 9) Wilza Toscano, Eujane Dantas Medeiros e Elizabeth Bohrer (pág. 10) Antonio Emílio e Suely Tapajós (pág. 11) Hécio Vieira Cordeiro (pág. 12)

DEPOIMENTO

Uma guerra em que o alvo fica indiferente

Iara Altafin

No centro, os cursos de comunicação. Em volta, atacando com as mais diversas armas, empresas de Comunicação Associações de jornais, de emissoras de rádio e televisão, federação de agências de propaganda, CFE, MEC e no caso da UnB, a própria reitoria.

Essa briga, visando o fim dos cursos de comunicação, é antiga, mas não parece perto do fim. A acusação: baixo nível dos profissionais recém-formados, teórica e praticamente. Muito já foi dito a esse respeito, tanto na defesa como no ataque aos cursos de comunicação. O certo é que a discussão dentro das instituições ainda vai longe. Os acordos ainda vão rolar entre CFE, MEC, reitorias, escolas e empresas de comunicação. Só uma coisa me parece estranha, a reação fraca e indiferente dos alunos de comunicação. Afinal, os ataques são contra nós, contra a nossa capacidade. Eu, como aluna de comunicação, acho que temos uma grande responsabilidade nessa "guerra" e não estamos assumindo nosso papel.

Nós sabemos da necessidade da formação em comunicação, isto inclusive foi assunto no número anterior deste jornal. Mas sabemos também das deficiências do nosso curso. Estão claros e são sentidos na pele por todos nós, alunos deste departamento, os problemas de algumas matérias, bem como de professores. Por outro lado, estão claros também nossos inimigos e aliados. Não contamos com o apoio das instâncias superiores da universidade para a solução dos nossos problemas. E aí está a chave de tudo. As deficiências do nosso curso são problemas nossos, pois através de seus reflexos é que nos acusam de incompetentes. Como solucionar isso? Caminhos existem, vitórias foram conquistadas para provar que é verdade. Os trabalhos de televisão, desenvolvidos no verão, são um exemplo. Sem condições ideais foram feitos programas onde alunos puderam praticar as teorias discutidas e dar soluções criativas a problemas surgidos.

A ampliação deste jornal, que no próximo semestre será quinzenal, é outra vitória. E para que seja fruto das lutas e

não um cavalo de Tróia, o maior número de edições deste jornal vai precisar de trabalho, de produção. A preguiça, a mera obrigação de cumprir horários e créditos terá que ser assunto do passado. Afinal, não é essa nossa função aqui dentro? Não é aqui o nosso campo de experimentos e realizações?

Precisamos de equipamentos para trabalhar, todos sabemos disso. Como disse um professor aqui do departamento: "os alunos de medicina têm os cadáveres para estudos, proporcionando-lhes uma formação para o futuro exercício da profissão". Nós também precisamos de cadáveres e a Rádio MEC-Brasília pode ser um deles. Não que a situação da rádio seja tão preta que já pode ser dada como morta. Apesar de não ser uma total inverdade, não foi a isso que me referi. A Rádio MEC-Brasília pode ser instrumento de trabalho prático para os alunos de rádio. Os alunos da disciplina Rádio 2 desse semestre estão desenvolvendo um projeto de reformulação da programação da Rádio MEC, que em outubro terá também um canal FM a viabilização desse projeto pode ser uma porta a se abrir, mas para isso é preciso empenho e interesse.

O essencial é sentirmos nossa capacidade, é acreditar que vai dar certo. Já dizia um poeta amigo meu, "muitas vezes o pior não é o que proíbe a ação, e sim o que não deixa ocorrer o pensamento. As leis foram feitas para as ações mas de modo reflexivo proibem os pensamentos. Se atentarmos para o sistema que utilizamos para suicidar as idéias, perceberemos que grande parte dos pensamentos não afloram ou são incompletos porque são suicidas inconscientes na sua sequência".

E é aí que a gente está "dancando". Não podemos mais suicidar nossas idéias por não acreditarmos que sejam consequentes. O importante é criar e tudo é válido. Nossa arma e nossa resposta a tudo que nos acusam será o nosso trabalho. Concordo com o professor Clímério quando diz que o trabalho realizado aqui dentro é o saldo positivo do balanço que todos fazemos ao chegar no fim do curso.

UM FURO QUE VIROU BARRIGA

O Estado de São Paulo chegou às bancas no dia 22 de maio com uma manchete espetacular. O Ministro Ibrahim Abi-Ackel sofreu um atentado a tiro, enquanto trabalhava em seu gabinete. Esse autêntico furo que o Estadão teria dado em seus concorrentes partiu da experiente máquina de escrever de Carlos Chagas, jornalista com vários anos de vivência na cena política brasileira, professor da UnB e chefe da sucursal do tradicional diário paulista em Brasília há 10 anos. O furo, ambição máxima do jornalismo, revelou-se barriga, inglês maior da profissão, no espaço de poucas horas.

O temido projétil mostrou uma identidade insuspeitada — era uma arruela, disparada por uma cortadeira de grama que cumpria sua simplória função pelos gramados da Esplanada dos Ministérios. Assim o fato foi noticiado pelas duas grandes revistas semanais brasileiras — Veja e Isto É. O Campus, que tem como repórteres alunos que serão futuros profissionais do ramo — ouviu a análise de Carlos Chagas, quando porca, projétil ou arruela já partiram, devidamente esfriadas, para longe das páginas da imprensa.

PROJÉTIL

Campus — O que o senhor diria para um estudante de Comunicação sobre o episódio?

Chagas — Eu diria, não só ao estudante de Comunicação, mas ao leitor em geral, linearmente, que entrei no gabinete do Ministro 10 minutos depois do acidente, para a habitual visita que faço todas as sextas-feiras. Logo que cheguei, por lá, talvez pela centésima vez desde que Ibrahim Abi-Ackel assumiu o Ministério da Justiça, ele me puxou pelo braço até a janela, onde exibiu um furo de uns 3 centímetros de diâmetro. A janela estava estilhaçada, a cortina, invariavelmente aberta, naquele dia estava corrida. Conduziu-me para o outro lado da sala, onde fica o sofá onde costumamos nos sentar, e o móvel estava perfurado pelo que ele chamou de projétil. Perguntei: "O que foi isso, Ministro?". Sua resposta: "Foi um tiro".

Cauteloso, acrescentou que seria melhor termos nossa conversa afastados daquele sofá, atrás de uma coluna. "Meu assessor de segurança saiu daqui há poucos instantes e garantiu que existem armas que podem dispa-

rar esse tipo de projétil à grande distância. Vamos nos precaver, porque pode vir por aí outro tiro", aconselhou o Ministro. Conversamos muito sobre assuntos políticos e volta e meia eu perguntava sobre sua reação no episódio ("Como o senhor se sentiu na hora, ficou nervoso?"). A resposta do Ministro: "Não entendo como alguém pode fazer um atentado a mim". Enfim, quando saí do gabinete, tinha um furo espetacular nas mãos, e eu digo isso mais para o estudante de jornalismo do que para o leitor.

Deixei o Ministro quando eram aproximadamente 13 horas, acrescentando que, caso houvesse alguma novidade sobre o caso, ele me telefonaria. Voltei para o jornal, redigi uma reportagem sobre tudo que vi, de tudo que ele me havia dito, do que seu assessor de segurança, um homem da Polícia Federal, expert em armas, havia relatado ao Ministro, e que ele me transmitiu, e fiquei rezando para que ele não me telefonasse, já que isso significaria que outros jornais também já tinham conhecimento do fato. Soltei o material somente às 20 horas, à espera de alguma novidade.

Como não houve telefonema, liberei a reportagem para São Paulo. A notícia foi publicada na primeira página, mandei fotografar a janela do Ministro pelo lado de fora, fizemos um croquis de como o acidente poderia ter acontecido, e quando o jornal já está rodando, às 2 da madrugada, sou acordado por um assessor de Abi-Ackel, que me transmite outra versão — "Não foi tiro, foi uma arruela disparada por uma cortadeira de grama". Eu então lhe disse que, jornalisticamente, estava muito tranquilo, lamentando apenas ter tomado conhecimento dessa outra versão em plena madrugada. Se você tivesse me dado esse fato novo antes, meu jornal teria publicado as duas versões, acrescentei. Infelizmente, a arruela só sairá na próxima edição.

É o que tenho a declarar, pessoalmente, sobre o caso. Não me arrependo de ter publicado a matéria. O jornalista não deve discutir com os fatos, mas reportá-los. Foi o que fiz, baseado nas informações transmitidas. Se, posteriormente, surge uma versão mais perfeita ou imperfeita, eu não discuto. Publico. Agora, se você me pergunta em caráter particular se foi ou não tiro, minha resposta é: não sei. Só o atirador ou a manobrista da cortadeira — que, aliás, até hoje não foi encontrado — podem fazer afirmações categóricas nesse sentido.

Apenas estranho que a versão da arruela só tenha saído às duas da madrugada, e que contrarie tão frontalmente as leis da Física, já que a cortadeira levantou a arruela na vertical, numa velocidade violentíssima, quebrou, coincidentemente, a janela do gabinete do Ministro, e aí mudou de trajetória. Quer dizer, subiu na vertical e então perfez um rumo horizontal, indo se alojar exatamente onde o Ministro costuma se sentar quando recebe suas visitas. Estranho a aparição de uma arruela mágica desse tipo, e até sugiro que o Brasil, que já está exportando tantas armas para o exterior, inclua entre suas vendas para outros países essas temíveis cortadeiras.

Campus — O senhor comentou o episódio com a sua turma de Ética e Legislação Jornalística?

Carlos Chagas — Sim, e a reação dos alunos foi parecida com a sua: Ninguém pode se arvorar a ser juiz, a formar uma opinião, tendo como base apenas um depoimento. Eu, como repórter, não só ouvi os relatos das pessoas envolvidas como senti a emoção do Ministro, testemunhei a ocasião.

Cmpus O que o senhor achou dos relatos de Veja e Isto É?

Carlos Chagas — Eu acho normal que uma revista como a Veja, que é brigada com o Estado de São Paulo, tente explorar o que ela julga ser um erro do concorrente. A falta de ética, entretanto, acontece no momento que ela só publicou a 2ª versão. A revista não deu a primeira versão, a que eu relatei. A Isto É foi mais elegante, publicando ambas. Agora, o que sempre existe nessas histórias é o choro dos furados, coisa que ninguém admite dentro do jornalismo. O fato aconteceu na sexta-feira. No sábado, o Estadão publicou. A Veja saiu no domingo sem uma linha sobre o caso. Quer dizer, foram completamente furados, ou pelo tiro ou pela porca. A Isto É, sabendo que Veja iria voltar ao assunto no outro número — e como uma quer sempre publicar o que a outra publica — também fez seu comentário.

Devo dizer que fui procurado pelos repórteres das revistas, e nossa conversa foi feita num nível bastante elegante. Antonio Carlos Scartezini, da Veja, depois de ter ouvido a minha versão, chegou a alertar sobre a possibilidade da revista querer me colocar mal, esquecendo a minha versão. Acontece, respondi, que a liberdade de imprensa não só admite como tem que conviver com essas coisas. (Entrevista a Manoel Henriques).

O Circo faz malabarismos para sobreviver

Para que o circo não acabe a Escola do Instituto Nacional de Artes Cênicas-INACEM, estará funcionando até o final do mês, no Rio de Janeiro, para formar artistas e técnicos de circo. A escola possui um circo que permanecerá armado e servirá para as aulas práticas e também para espetáculos artísticos. Este circo custou cerca de vinte e cinco milhões de cruzeiros e pretende reativar os espetáculos circenses brasileiros.

O circo continua sendo uma boa opção de lazer para todas as crianças de até 80 anos. O circo Portugal, instalado desde maio passado no Parque da Cidade, já atraiu mais de oito mil pessoas entre elas os idosos do Lar dos Velhinhos do Núcleo Bandeirante e o Grupo de Meninos Trabalhadores do SESC. Seus dirigentes estão satisfeitos com o resultado e afirmam que "Brasília é o lugar em que tivemos maior apoio da imprensa".

O secretário de Relações Públicas do circo, Luís Paulo Dutra, conta que o circo começou em Coimbra há 150 anos, estando há 20 no Brasil. Em 1982, o espetáculo deverá ser levado ainda a Minas Gerais e todo o Norte e Nordeste.

Nesta aventura ambulante partem 150 funcionários, divididos em pelo menos 20 funções como artistas, mecânicos, motoristas, cozinheiros, pintores, eletricitistas e todo o elenco capaz de fazer um circo funcionar. Mas também há os que ficam. Luís Paulo diz que alguns jovens que pretendem continuar os estudos regularmente, acabam morando em repúblicas ou pensionatos em cidades que bem escolhem.

No circo também se aprende. Além das aulas dos cursos escolares acompanhadas por uma professora, as crianças aprendem acrobacias, malabarismos e toda arte circense de acordo com o dom, e passam posteriormente à especialização.

Segundo Luís Paulo, o circo Portugal está na categoria três, inferior apenas ao Tihany (maior circo do Brasil) e Orlando Orfei, colocando-se lado a lado com o Gran Bartolo Circo. Para obter esta classificação o circo apresenta um espetáculo de duas horas, com 30 números em média. O grande destaque fica com o Globo da Morte, onde os irmãos Aires se colocam em 3 motos com a velocidade de 80 a 100 quilômetros por hora.

Os animais também contam pontos para o espetáculo, mas Luís esclarece que "os bons animais são muito difíceis de ser encontrados e são também caros. O elefante principalmente, que vem da Tailândia, ao passar pela alfândega nos sai por 5 milhões de cruzeiros". Já a macaca Jamaica e os leões vêm da África do Sul e levam em média de seis a oito meses para serem adestrados, podendo, então, entrar em contato com o público.

"O circo é uma família para lhes proporcionar alegria". Com esta frase Luís sintetiza o cotidiano do circo. Na verdade, os circenses têm horário para as refeições com "tickets", no estilo de uma empresa". Tudo indica que esta família com vida nômade tende sempre a aumentar. Muita gente é atraída pelo espírito cigano que envolve o circo e tenta acompanhá-lo. Foi assim que Antônio Rodrigues Borges começou sua

vida no circo. Com apenas 14 anos, ele fugiu com um circo no interior de São Paulo e chegou a ser cômico, ventríloco, telepata, ilusionista e até mesmo proprietário. Hoje, com 58 anos, Antônio é o mágico Aribê, do Programa Carosel da TV Brasília. Já afastado do picadeiro há vários anos, por causa da família. Para ele "a vida de circo é como outra qualquer de artista, seja ela do microfone, do teatro, da televisão. É uma vida gostosa onde nós sofremos, passamos necessidades, privações e até mesmo fome. Mas que é gostoso é".

Como antigo dono de circo, ele acha que circo nem sempre dá muito lucro, pois "é preciso contar com um bom espetáculo, o que é muito dispendioso pois, se o circo não tiver muita renda, não consegue manter o bom artista; ele te larga na mão por dez cruzeiros a mais".

Os salários dos artistas de circo variam atualmente entre cinco e oitenta mil semanais, fora as refeições e moradia. O maior salário fica com o melhor número e o menor são para os rapazes que armam o circo.

Armar um circo dá muito trabalho. Luís conta que "prá chegar em uma cidade os empresários vão na frente, localizam e arrumam o terreno e depois se encarregam de avisar ao circo na cidade anterior. Depois, pra instalar têm que pagar a prefeitura, a água, luz e o lucro depende ainda da publicidade".

O circo sempre tem um fundo de reserva para prevenir-se contra possíveis prejuízos. Neste caso, os profissionais não têm garantias legais para o recebimento do salário, pois a maioria dos contratos são verbais. Este fato também influi negativamente na hora de receber o seguro ou aposentadoria. Na maioria das vezes os velhinhos continuam acompanhando o circo, vendendo doces, cuidando da portaria ou ensinando a sua arte aos mais novos.

A crítica de arte Grace Freitas acredita que "com o advento da TV, o circo hoje não desperta tanto entusiasmo nas crianças. Antigamente quando ele chegava ao interior era o maior acontecimento da cidade". Mas, o principal de um circo ao seu ver é que "o espetáculo tem coisas maravilhosas, que passam e que vêm com a cultura do povo, sendo importantíssimas para a sociedade".

José Oliveira Silva, psicólogo do Lar dos Velhinhos do Núcleo Bandeirante, que acompanhou os idosos ao circo, diz que o espetáculo funciona mais que uma terapia, "pois eles se descontraiem, se alegram e têm uma satisfação muito grande".

Adalberto Zencota, um palhaço muito conhecido na cidade, o Linguíça do Carrossel, acompanhou o circo durante 20 anos. Para ele



A quantidade de animais é impressionante



"O circo faz malabarismos p/ sobreviver"



O circo luta para conseguir bons animais



Uma platéia muito especial assiste o espetáculo.

"é uma vida muito custosa, a gente passa muitas dificuldades. Às vezes a gente sai de uma cidade para outra, quebra o carro no caminho, aí passamos fome, sono, não tem hora de chegar, nem de dormir, mas o circo é gostoso. É uma vida que faz a gente se divertir". Linguíça foi trapezista e ator dramático, mas prefere mesmo é ser palhaço na TV, "porque o que importa é fazer uma criança sorrir".

Helena Ardito Bortoni, que há três anos produz um programa de rádio infantil para a Amazônia Legal, acredita que o circo está mais vivo do que nunca. Ela pôde comprovar esta afirmação quando levou a três cidades do interior de Mato Grosso do Norte, Sinop, Colíder e Alta Floresta, o seu operador de áudio, transformado no palhaço Vetania. A tia Leninha, como é conhecida pelas crianças, diz que "na oportunidade pude sentir que o palhaço, e em maior

escala o circo ainda exerce uma magia muito grande, como sempre exerceu, pois a criança de hoje é idêntica a de ontem e não mudará nunca". Ela acrescenta ainda que "o circo é uma das formas mais autênticas, mais nobres e mais singelas de arte, principalmente para as crianças". Assim, ela pôde presenciar 7 mil pessoas aplaudirem e rirem com o palhaço Vetania que, na verdade, era o operador de áudio, Antônio José.

Sobre essa experiência, Antônio José diz que a achou "magnífica, pois consegui satisfazer inúmeras crianças numa região do interior onde ninguém conhecia o circo". Outra frase que traduz a sobrevivência deste mágico ambulante é de autoria de Luís Paulo, o relações públicas do circo Portugal, quando diz que "o circo não vai acabar enquanto existir uma criança". (Beatriz de Castro Serra).

Debaixo das trancinhas tem que haver consciência



O negro brasileiro quer se ver livre do seu exotismo estereotipado.



A contribuição da cultura negra para o Brasil é fundamental.

Desde a sua vinda forçada para o Brasil nos fins do século XVII, o negro sempre foi percebido como um tipo exótico. Tanto que os primeiros documentos registrando sua forma de vida na nova terra são os relatos dos viajantes e as ilustrações de desenhistas famosos que, de passagem pelo Brasil, documentaram os seus costumes, suas danças, crenças, gestos e feições. Todos atraídos pela novidade da pele negra e luzidia, pelas cores berrantes dos trajes e pela maneira diferente com que eles carregavam seus filhos.

A sociedade brasileira, com suas bases no etnocentrismo europeu, apenas divertia-se ou se enjoava com as características dos negros, mas não se apercebia das mudanças que começavam a ocorrer em consequência do contato com essa massa numerosa e forçosamente presente. Admitir que os hábitos e comportamentos daqueles escravos pudessem significar algo para a civilização seria, como explica Florestan Fernandes, "uma diminuição para a sociedade dominante". Toda aquela cultura era tida apenas como "originalidades pitorescas", algumas até repugnantes, que seriam eliminadas através da proibição e da repressão.

Tanto a religião oficial como a condição de trabalho proibiam o escravo de se manifestar através de sua linguagem, impedindo-o de mostrar a força de sua cultura. Mas, mesmo submetidos a uma aculturação pragmática, rapidamente os negros conseguiram impor respeito, ou temor, à sociedade colonial. Segundo um artigo de Thales de Azevedo, na revista Cultura — nº 23, no início do século XVIII já se tinha notícia da submissão cultural que o colono europeu, ou mestiço brasileiro se submetia, procurando e pagando os serviços de feitiçeiros negros. Aí começava o processo de aculturação, que só nesse século a antropologia começou a identificar e a definir.

Hoje, procura-se popularizar e tornar apreciados determinados aspectos da cultura negra, mas a assimilação que a nossa sociedade vem fazendo desses elementos materiais e simbólicos ainda conserva aquele mesmo espírito de curiosidade pelo exótico. A culinária, antes reservada apenas à senzala, já sobe à mesa da alta sociedade para as recepções solenes e oficiais, sempre buscando dar cor local e sa-

bor de coisa nossa a visitantes estrangeiros. Baianas, vestidas à caráter, tornaram-se figuras decorativas nas varandas dos palácios. São usadas em campanhas políticas e como atrações para turistas.

A religião, reprimida oficialmente pela polícia até os anos 40, já foi assimilada pelo turismo e convertida a espetáculos, apresentados nas grandes cidades brasileiras, principalmente na Bahia. Descoberto por seu colorido, dramaticidade e seus símbolos, o culto, como espetáculo, já perdeu aquele caráter estranho e perturbador para se transformar em produto de consumo turístico e em folclore. Mas ainda evita-se reconhecer a prática desses cultos como religião, mesmo que de uma pequena parcela da população, temendo comprometer a imagem do Brasil como país civilizado e branco.

Atualmente muito se fala em uma nova negritude, mas urge que o negro brasileiro tome consciência de si enquanto raça. Não basta que ele só use trancinhas e roupas largas e coloridas, mas é urgentemente necessário que ele se conscientize da sua condição mascarada e reconquiste a sua história e a sua cultura. Objetivando conquistar espaços e a formação de uma nova consciência negra, o movimento negro no Brasil se realiza através do trabalho de grupos que promovem reuniões, encontros e passeatas reivindicando, entre outras coisas, direitos iguais. Por motivos óbvios, a grande maioria dos negros que participam desses grupos são da classe média, e a quase totalidade, tanto das denúncias quanto das reivindicações são referentes à proibição da entrada de negros em restaurantes, hotéis e boates. Mas a grande maioria negra da população brasileira não é da classe média, vive subhumanamente nas favelas e não frequenta restaurantes nem boates.

Para que o movimento negro seja mais eficaz em sua atuação, é necessário que ele atue principalmente nos locais de maior concentração da população negra, e que o seu trabalho se encaminhe de uma forma educativa. Para que o negro brasileiro sobreviva enquanto cultura é necessário que ele deixe de viver na sombra dos brancos, copiando modelos que permitam a sua aceitação e ascensão social.

(Antonio Emílio)

Sem feitiçaria, orixás invadem universidade

Realizou-se, de 15 a 26 de junho, no salão de exposições da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, a exposição "Assim na Terra como no Céu", reunindo cerca de 80 fotografias e alguns objetos que remontam cenas cotidianas dos cultos africanos no Brasil.

Segundo Micênio Santos, um dos organizadores da mostra, "Assim na Terra como no Céu" é uma "tentativa de trazer à população alguns aspectos da cultura negra, especialmente da cultura religiosa, frequentemente confundida com feitiçaria e, por isso, temida e rejeitada por todos".

Sobre a descaracterização e folclorização que o negro vem sofrendo, ele acrescentou: "No Brasil, a cultura negra só consegue ser aceita de uma forma folclórica. Os cultos africanos foram relegados à marginalidade social, cultural e espacial, só encontrando condições de se-

rem praticados em terrenos afastados, na periferia urbana. O adepto é sempre um suspeito porque, na população, palavras como candomblé e macumba provocam reações de repulsa e vergonha".

Ainda segundo Micênio, o fato da exposição, "que não deve ser vista como uma mostra artística, mas como um trabalho conceitual", estar sendo apresentada primeiramente numa universidade se deve à grande desinformação sobre as religiões negras, existente inclusive no meio universitário. "O nosso objetivo com essa exposição é diminuir a desinformação que as pessoas têm sobre a cultura negra, possibilitando-lhes um outro contato com as religiões africanas, mais objetivo e menos exótico que essas apresentações que a gente vê por aí, pela televisão ou espetáculos folclóricos. Não se trata de um discurso religioso, mas de uma questão cultural", finalizou. (Antonio Emílio)

Ziraldo critica, comenta, mete o

Durante sua estada em Brasília, Ziraldo conversando com a repórter Inez De Podestá, se abria para criticar, comentar, meter o pau quando achou necessário, ou apenas para falar de sua vida.

Campus — Ziraldo, quais são as suas atividades atuais?

Ziraldo — Olha, é um agito sem fim. Sou diretor e colaborador do *Pasquim*, diretor da Editora Codecri. Faço o Mineirinho e ilustro contos para o *Playboy*, a Super Mãe para a revista *Cláudia* e a charge diária do *Jornal do Brasil*. Tenho o meu estúdio de Publicidade, onde ganho o meu dinheiro. No momento, tenho em cartaz três peças infantis em vários estados: "O Planeta Lilás", no Rio e no Sul; "Flicts" está no Ceará, Vitória e no Paraná; "O Menino Maluquinho", num subúrbio carioca.

Campus — O que acontecerá depois desse reencontro com a Turma do Pererê?

Ziraldo — A vida vai continuar, não vai alterar em nada... Bem, eu tenho um projeto de reeditar a Turma do Pererê pela Melhoramentos, em forma de álbuns. Quero fazer também a Turma do Pererê na televisão, tipo "Vila Sésamo" e "Sítio do Pica-Pau Amarelo", numa linha bem acabada. Mas recriar a história do Pererê, não tenho a menor vontade.

Campus — Ziraldo, seus personagens falam por você. Como foi isso nos anos 60?

Ziraldo — Nos anos 60 não foi muito difícil, a gente descia o pau até no Castelo Branco. A barra começou em 68 e 69. Com o Aí 5 até 77/78. O veículo que mais usei foi o *Pasquim* e a charge no JB. A charge e o *Pasquim* lutaram muito para sobreviver e resistir. É nesse momento, em geral, que o humor floresce e aparece acuado. Foi muito bom para o desenvolvimento da qualidade do humor no Brasil. Se eu não tivesse o *Pasquim* teria enloquecido nesses anos.

Campus — O último número do Pererê foi em abril de 64. Isso teria a ver com a Revolução?

Ziraldo — A data exata é coincidência demais. O Pererê acabou na verdade, em janeiro. Eu fazia sempre três números adiantados. Ele acabou porque a direção de "O Cruzeiro" já não estava mais interessada em produzir. Eles já sabiam que a coisa ia virar, o pessoal já estava na conspiração. O Cruzeiro fez o Pererê, na época, não que gostasse da cultura brasileira. Eles achavam que, com as reformas do Jango, ocorridas na época, baixariam uma lei qualquer proibindo a importação das histórias em quadrinhos estrangeiras. Assim, eles trataram de formar uma equipe brasileira para continuar suprimindo o mercado de quadrinhos brasileiro. Quando perceberam que a lei não pegaria, dispensaram o Pererê. Assim faziam o Pererê não como produto cultural, mas como produto industrial.

Campus — O *Pasquim* mudou de formato, mas já voltou ao normal. Como foi isso? Os leitores não gostaram?



A concentração do artista no momento da criação.

Ziraldo — A gente pensou em dar uma balançada no *Pasquim*. Ele que já vendeu 250 mil exemplares não pode ficar vendendo 50 mil. Acontece que não se pode mudar aprioristicamente: vou fazer isso e vai dar certo! Você não sabe o que as pessoas estão querendo comprar. Uma das tentativas foi mudar a forma, porque o jornal estava muito escondido nas bancas do interior. O pessoal achava que era um jornal proibido e perigoso. Se eu faço grande as pessoas acreditam que ele é um jornal exibível. Então, houve um reboio em torno do jornal. Muita gente voltou a ler por curiosidade. Mas ele não teve o pique que eu queria. Houve uma grande reclamação dos leitores. Como não temos compromisso com ninguém, a gente voltou para pequenininho de novo.

Campus — Como foi a sua experiência na TV Bandeirantes, com o programa ETC?

Ziraldo — A televisão era um tipo de comunicação que me frustrava muito ficar fora dele. É aquela coisa... você faz um desenho e publica no JB, 400 mil pessoas vêem. Aí você faz o *Pasquim*, 50 mil compram. Fala na televisão e 10 milhões de pessoas te assistem! É assombroso! E você fica um pouco frustrado com o esforço da sua mensagem nos jornais, onde poucos lêem. Mas se você não tem vocação para a televisão, não deve se meter nisso. Deve ficar desenhando. Como sou cara de pau, eu andei fazendo pequenas entradas na TV que deram certas, aí me convidaram para o programa ETC, na Bandeirantes. Foi uma experiência muito boa e, como não sou do ramo, eu tinha a irresponsabilidade do cara que não é especialista. Faz o que dá na telha. O meu programa pretendia encantar as pessoas, como tudo o que eu faço. E fez sucesso! Mas foi numa hora errada, porque as pessoas estavam muito comprometidas e o programa deixou de interessar a emissora e eu dancei.

Campus — Qual foi o seu envolvimento na demissão de Walter Clark, do cargo de diretor da Bandeirantes?

Ziraldo — Ele saiu porque já estava entrando em choque com a direção da Bandeirantes. Da última vez que ele viajou, tinham mandado 50 pessoas da sua área embora. Ele ficou indignado. Inclusive foi ele que me comunicou que o programa ETC iria sair do ar. Isso aconteceu uma semana antes de sua demissão. Não foi por minha causa que ele saiu!

Campus — Você acredita na abertura política?

Ziraldo — Taí eu falando mal do governo pela televisão, nos jornais, todos os dias. Uma forma de abertura existe, a gente não pode discutir. Nunca houve tanta liberdade de expressão no país como hoje. Mas você também nunca foi tão ameaçado. Se amanhã sumirem comigo, não acontece "porra" nenhuma. Existe uma liberdade precária e vigiada. Mas, tem!

Campus — Como você vê o Brasil, hoje?

Ziraldo — Vejo mal. Tenho um grau e meio numa vista e três na outra.

Campus — Você acha que haverá representatividade nas eleições de 15 de novembro?

Ziraldo — Acho que 35% dos votos vão ser anulados. Dentro da cabine muita gente vai errar. É tão difícil, tão complicado votar. A eleição foi feita mais por um formalismo, para prestar contas. Não digo que não seja importante para a democracia, mas, no momento, ela é super casuística. O PDS vai levar um cano firme, eles vão ficar muito abalados.

Campus — Você acha que o Brasil leva a Taça nessa Copa 82?

Ziraldo — Só perderá por azar. É fácil, ela é a melhor seleção do mundo, apesar das maluquices de Telê.

Campus — Por que você não veio a UnB, em convênio com a Funarte, fazer seu reencontro com os personagens do Pererê?

Ziraldo — Eu já tenho um certo constrangimento em fazer os meus eventos com a Funarte. Não pelas pessoas em si,

pois conheço pessoas maravilhosas a serviço do governo. E você não pode querer que esses espaços sejam ocupados só por canalhas, nem exigir que as pessoas não aceitem esse tipo de trabalho. Não gosto muito de me vincular a coisas oficiais. Fico parecendo um cara de jogo duplo, apesar de me criticarem porque eu fiz o Jeremias, o Bom, para a Loteria Federal. Mas no caso específico da UnB, não gosto da Universidade que o Magnífico propõe. Ele pode ser uma figura muito bem aparelhada, mas representa um pensamento anti-brasileiro. Ele é do pensamento filosófico behaviorista americano ultrapassadíssimo. O Magnífico não está fazendo uma universidade para o 3º Mundo, deveria ser uma pessoa aliada do processo educacional brasileiro. Já provou que não tem nenhum compromisso com a América do Sul. E hoje verifica-se com a Guerra das Malvinas que existe o 3º Mundo. Bem, como eu não quero nenhum vínculo



Em Brasília, o alegre reencontro de Ziraldo com seus personagens.

com ele, quero ter o direito de malhá-lo sem parar, então, pedi para ficar só com a Funarte. Imagine, eu dizer para o Azevedo: Eu não vou com a sua cara, doutor! Eu ia ficar tão sem graça...

Campus — O que significa para você ganhar pela 7ª vez o Prêmio Abril de Jornalismo?

Ziraldo — Olha, eu ganho todo ano, desde que começou o Prêmio. Eu sou o único cara que faz humor pela Editora Abril. Ah! tem o Millôr também, desculpe. O negócio é o seguinte: Toda a vez que faço um trabalho, faço como se eu estivesse disputando um concurso. Não faço nada com levandade, faço tudo com uma puta de uma fúria; minha psicóloga que o diga... Daí sair direito e os caras premiam!

Campus — Estão querendo acabar com

pau e fala também de sua vida

o curso de Comunicação. O que você acha disso?

Ziraldo — Se você tem talento, não precisa fazer faculdade de Comunicação. Se você não tem talento, não adianta fazer faculdade de Comunicação. Esta minha afirmação sempre traz muita discussão. Mas, como o diploma é exigido... Sabe, no Brasil há falta de seriedade para fazer as coisas. No caso da UnB, o Magnífico é um homem muito inteligente, ele foi levado para o militarismo muito cedo, fez cursos nos Estados Unidos. Evidentemente a realidade americana não se aplica aqui. Esse negócio de fazer faculdades com fundações é coisa de americano, lá tem mais de 20 mil fundações. E lá as fundações não pagam impostos, mas o governo cobra estradas, colégios, pesquisa, etc., e não fazem isso porque é bom, mas como forma de movimentar o dinheiro no país, como se o país fosse

A Turma do Pererê

A Busca da Realidade nos Mitos marcou o reencontro de Ziraldo com a Turma do Pererê, com debates e exposições de originais da revista Pererê.

Para quem não sabe, o Pererê foi uma revista de história em quadrinhos, publicada de outubro de 60 até abril de 64. Foi a primeira revista a refletir toda a euforia de uma época, com personagens bem brasileiros, sem qualquer vinculação com as histórias em quadrinhos estrangeiras, invasoras do mercado brasileiro.

Durante os dias 28 e 29 de maio, Ziraldo reuniu-se na Sala Funarte, com as pessoas que o inspiraram na elaboração dos personagens que integram a Turma do Pererê. "Na minha primeira história, os personagens do Pererê nasceram todos num quadrinho. O Saci Pererê tinha que sair da Mata do Fundão se despedindo de seu amigos. Foi aí que eles surgiram. Na volta de Pererê à Mata, ele aparece num outro quadrinho, colocando os nomes nos presentes que levará a seus amigos. Então, comecei a associar cada bichinho a um amigo de infância de Caratinga, em Minas Gerais", comenta Ziraldo.

São ao todo dez personagens da revista Pererê que estiveram, em carne e osso, na Sala Funarte, conversando com o seu criador e com o público que lá esteve e participou.

Quatro dos amigos de Ziraldo que inspiraram os personagens da revista, moram em Brasília. Allan, o macaco, é o Alan Viggiano, escritor, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras e funcionário do Senado Federal. Galileu Bonifácio da Costa, o mais antigo amigo de Ziraldo, é a onça Galileu, personagem de caráter definido e de personalidade melhor acabada. Antonio Pimentel Pontes e Maria Francisca D'Ávila Arreguy são o João-de-Barro e a Joana-de-Barro, a dupla mais afinada da Mata: se ele sabe fazer casas, ela sabe ser dona delas.

Os outros amigos são: Benedito Paulo Nogueira, professor universitário em Itajubá (Minas Gerais), é o coruja general Nogueira, mestre dos "meninos" da Mata do Fundão. No começo da década de 60, os generais já eram entre nós, um símbolo de autoridade. O tatu Pedro Vieira, o mais habilidoso da turma, é o cirurgião-dentista Pedro Nunes Vieira, hoje morando em Belo Horizonte. O pediatra Moacyr Viggiano, irmão de Alan, é o carteiro-tartaruga que usa um chapéu com asinhas, herança de família, também chamado de chapéu de mercúrio, o mensageiro dos Deuses Romanos. Na realidade, Moacyr fez um concurso para carteiro nos Correios e assim pagou seus estudos na Faculdade de Belo Horizonte. Hoje, Moacyr reside em Florianópolis. O índio Tinimim é o jornalista Etienne Filho, atualmente redator do Jornal do Brasil. Tônico e

"Seu" Neném são os dois fazendeiros da Mata do Fundão. Os nomes dos dois compadres, bem brasileiros, Ziraldo tirou dos nomes de seu sogro, Antonio Macedo Gontijo, hoje falecido, e de seu pai, Geraldo Alves Moreira Pinto. E, por último, o coelho Geraldinho: seu nome foi uma homenagem ao irmão caçula do autor, Geraldo Alves Moreira Pinto Filho, que tinha seis anos quando a revista foi lançada.

sobre o Saci Pererê, não o seu personagem da revista, mas o mais perfeito símbolo, a mais popular e querida figura que a imaginação brasileira criou. "Mais que isso, três povos criaram a figura do Saci Pererê no coração do Brasil. Os dois nasceram juntos, do mesmo barro. No princípio era o índio. E o Saci se chamava Yaci Yaterê, um indiozinho de uma perna só, de cabelos de fogo. Vovô índio o descreveu ao



Saci, a mais querida figura da imaginação brasileira.

Hoje cresceu e é "designer" no Rio de Janeiro.

Segundo conta Ziraldo, os nomes de seus personagens foram buscados na vida real para evitar o velho hábito de se colocar em personagens infantis — de histórias em quadrinhos ou não — nomes inventados, repetitivos, apelidos onomatopáicos, procedimento que só servia para desumanizar o personagem, para afastá-lo da realidade do leitor. Então, esta decisão do autor do Pererê foi uma rebelião contra os Pinducas, Tetecos, Dadás, Dedés, etc., quando na verdade os meninos brasileiros se chamam Pedro, Geraldo, João ou Moacyr. Ou pelo menos, se chamavam...

E o Saci, líder do grupo da Mata do Fundão, com poderes mágicos pouco usados, não caracteriza Ziraldo como muitos insistem em afirmar. O seu criador desmente que tenha qualquer semelhança com ele. Porém Ziraldo tem o que contar

seu neto indiozinho. Depois chegaram os negros da África, de enorme imaginação. O Preto-Velho, contando histórias à Sinhazinha, ao pé do fogo, pintou o Yaci Yaterê de preto e lhe meteu um cachimbo na boca. E o Yaci virou Saci na língua arrevezada do negro escravo. E a Sinhazinha depois foi nossa vovó e trocou os cabelos de fogo do negrinho de uma perna só, por um barrete dos pescadores de Nazaré (Portugal). E Yaterê virou Pererê. Estava pronto para habitar nossa terra de ponta a ponta, o Saci Pererê. Fruto da imaginação de três raças: o português, o negro e o índio Guarani. E é este o Saci que está em cada um de nós: alegre, simpático, corajoso, sabe dar sempre um jeito para tudo". Na revista Pererê, o Saci deixou de ser o diabinho das lendas; ele humanizou-se sem deixar de ser mágico, cheio de truques, com poder "moderador" na Turma. (Inez De Podestà)

ministrado pelo próprio povo... porém, como o Brasil é um país subdesenvolvido... A verdade do magnífico não se aplica ao Brasil, por isso eu o acho perigoso.

Campus — O que você acha da implantação da Universidade Aberta, no Brasil?

Ziraldo — É por isso que nós temos que ganhar as eleições, para conter essa visão de país-serviço. Isso ainda é resquício da Revolução Industrial. Reflete a nossa dependência, em fazermos o jogo deles e manter o esquema: Nós temos que fornecer serviços de qualidade média e matéria-prima barata para os poderosos, e consumir o que eles têm a oferecer. O próprio Reagan disse: "o meu amigo é a Inglaterra, e não a América do Sul". Depois então dessa Guerra das Malvinas fica claro que os caminhos do 39 Mundo são outros caminhos.

UM ESTUDANTE DA UnB VISITA A NICARÁGUA REVOLUCIONÁRIA

Flávio Montiel Darocha, aluno de Ciências Sociais da UnB, esteve por três meses na Nicarágua, em 1979, logo após a vitória da Revolução Sandinista. Durante esse tempo, Flávio trabalhou como "free-lancer" para o jornal *Movimento* e reuniu idéias suficientes para um livro, *Nicarágua, Nicarágua*. Aos 25 anos, nascido mexicano e naturalizado brasileiro, Flávio termina o seu curso em julho próximo, quando talvez se decida pelo Jornalismo.

Flávio chegou à Nicarágua em dezembro de 79, cinco meses após o triunfo da Revolução Sandinista, e lá ficou por três meses, trabalhando como "free-lancer" para o jornal *MOVIMENTO*, mesmo sem ter toda experiência jornalística anterior. Por uma série de dificuldades, Flávio não pôde chegar antes ao país, para acompanhar, como desejava, todo o processo revolucionário, desde o "estouro" da guerra civil. Mesmo assim, a oportunidade de presenciar "uma experiência concreta de libertação de um povo, que há muito não se via na América Latina", motivava-o profundamente.

Ao chegar à Nicarágua, Flávio manteve contato com um amigo brasileiro, redator-chefe do jornal alternativo *O Poder Sandinista*, e conseguiu hospedar-se em casa de uma família nicaraguense. A partir daí, Flávio passou a sentir-se melhor, num ambiente familiar e comunitário, como aliás era a vida dos nicaraguenses após a vitória de 19 de julho. Flávio ia disposto a conhecer a fundo a realidade que o país então vivia, não só com o objetivo de re-

portagens, mas querendo, também, viver novas experiências.

O Primeiro passo foi credenciar-se como jornalista junto à Secretaria de Imprensa da Junta de Governo, o que lhe permitia o acesso aos vários acontecimentos importantes e o seu livre trânsito pelo país. A partir daí, diz ele, "comecei a desenvolver um trabalho voltado para os diversos projetos de reforma do país, e que exigia de mim tempo integral: desde estar sentado numa praça tomando o "guaro", que é a cachaça nicaraguense, conversando e ouvindo músicas populares e revolucionárias, até entrevistar os comandantes da Revolução, como Tomás Borges, o único sobrevivente dos fundadores da Frente Sandinista, hoje Ministro do Interior".

Foram praticamente três meses de trabalho ininterrupto, que fizeram Montiel voltar ao Brasil "com calo no pé, de tanto andar pelo país, apesar de ser um país pequeno". Flávio diz que, de certa forma, chegou a ter uma atuação política durante sua estada no país, na medida em que, morando junto a uma família nicaraguense, também participava dos CDS, ou Comitês de Defesa Sandinista. Esses comitês discutem, a partir de um âmbito comunitário, as questões de maior interesse para o povo nicaraguense e, através de uma Coordenadoria Geral, fazem chegar à Junta de Governo as verdadeiras aspirações populares.

Uma das coisas que mais impressionaram Flávio foi a facilidade de contato direto com os comandantes sandinistas, o

acesso que se tem aos líderes da Revolução. Ele lembra que, após entrevistar o Ministro da Habitação da Nicarágua, este lhe ofereceu uma carona até o centro da cidade, aceita por Flávio, que assim pode conversar mais um pouco com o Ministro. O mesmo acontece com relação aos camponeses, diz Flávio, "que têm um acesso direto ao Ministro da Reforma Agrária e com ele discutem as questões da forma mais direta e aberta possível".

O Grau de participação e de consciência política do povo e o espírito de solidariedade que se criou, após o triunfo de 19 de julho, entre os setores mais explorados da população, principalmente, também causaram forte impressão em Flávio Montiel. Esta solidariedade do povo nicaraguense, Flávio começou a experimentar já ao entrar no país, quando se surpreendeu com a facilidade encontrada. Ele lembra: "Uma jovem nicaraguense, de 18 ou 19 anos, manejando seu fuzil como se fosse uma criança de colo, carimbou meu passaporte e, com um "adelante y benvenido a la Nicarágua libre", entrei no país sem maiores burocracias, sendo muito bem recebido".

O processo de alfabetização que se desenvolveu na Nicarágua e o sistema de trabalho voluntário que vem sendo adotado no país foram outros aspectos da realidade nicaraguense que surpreenderam Montiel. Ele mesmo participou de um grupo de trabalho voluntário para a colheita de algodão e, juntamente com nicaraguenses e outros estrangeiros, saía cedinho para as plantações de algodão, ao la-

do dos camponeses: "Colhíamos algodão durante três horas, aproximadamente, depois parávamos e havia cantorias, danças, discutia-se alguma questão de interesse no momento, tudo dentro de um espírito comunitário bem intenso". Hoje em dia, explica Flávio, em todas as unidades rurais de produção, o horário de trabalho vai até às 4 horas da tarde, para que sobre tempo ao camponês, se for a sua vontade, de ir à escola para se alfabetizar.

Flávio ainda mantém contato com a Nicarágua, através da Embaixada aqui em Brasília e de correspondência com muitos amigos que lá deixou. O que mais o interessa, após concluir seu curso e decidir se continua ou não na UnB, "é voltar à Nicarágua daqui a algum tempo e poder presenciar os avanços concretos que se deram desde aquela época, no sentido da socialização, do socialismo".

A ajuda de outros países tem sido muito importante no processo de reconstrução da Nicarágua. Conversando com Ernesto Cardenal, Ministro da Cultura nicaraguense e que esteve recentemente no Brasil, Flávio ficou sabendo da ajuda cubana ao país, na área da alfabetização e também da alimentação. Cardenal disse a Flávio que, toda manhã, sai de Cuba um avião, chamado de "el lechero", levando leite para a população nicaraguense, as crianças principalmente, pois o país não tem uma produção suficiente. Este leite chega ao Aeroporto Internacional de Managua e daí é distribuído para toda a Nicarágua.

(Paula Xavier Mattoso)

SOLIDARIEDADE

O impacto do cartaz que anuncia a Quinzena da América Latina é muito forte: em preto e branco, as fotos de uma criança boliviana, Ché Guevara e Julio Cortazar, Ferreira Gullar e Fidel Castro, exercem grande atração.

A Quinzena da América Latina foi promovida pela Frente Cultural de Brasília, com o apoio do Comitê de Solidariedade aos Povos da América Latina. Durante duas semanas, de 7 a 19 de junho, a América Latina foi tema de palestras, de música e poesia. Realizou-se também uma exposição de arte e artesanato latino americanos e uma mostra de filmes e slides.

As palestras tiveram lugar no SESC da 913 Sul, e versaram sobre a Igreja, a Questão Ética, a Literatura e a Política na América Latina. O último dia da Quinzena encerrou-se com um concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, que executou a obra do Maestro Jorge Antunes.

A realidade parcial do nosso jornalismo

Seria anti-ética a postura parcial de notícias publicadas em jornais? Estariam realmente limitadas aos editoriais as matérias opinativas? As respostas para estas perguntas são elementos de exaustivas discussões nos cursos de jornalismo, mas certamente não fazem parte do dia-a-dia das redações dos jornais. Pelo menos é essa a conclusão que se chega ao analisar a pesquisa realizada por alunos de disciplina Pesquisa de Opiniões e Mercadologia do Departamento de Comunicação sobre a cobertura jornalística do debate entre Franco Montoro e Reynaldo de Barros, transmitido pela TVS, no dia 22 de março último.

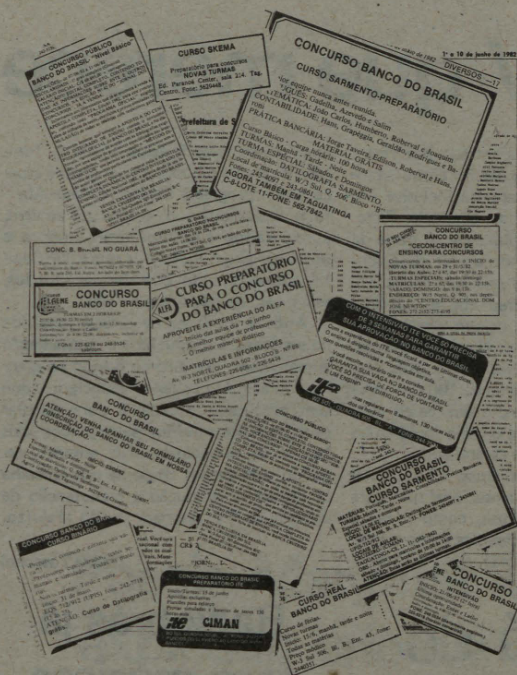
A pesquisa mostra que existem formas explícitas e implícitas para de-

monstrar uma posição ou favoritismo. Os editoriais e matérias assinadas ficam como as formas explícitas. Mas, e as formas implícitas? Estas não são do conhecimento da quase totalidade dos leitores. Os jornais se utilizam de vários recursos para tomar determinada posição e "fazer a cabeça" do leitor sem que ele tenha consciência disso. A pesquisa nos mostra que o enfoque que se dá num título, bem como a posição que ele ocupa na página são elementos que determinam as predileções do jornal. Com isso a pesquisa chega à conclusão de que a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo* tomaram uma posição favorável ao Senador Franco Montoro.

A indiferença frente a um acontecimento é também considerada como

um posicionamento, segundo a pesquisa. O *Globo* teve uma postura indiferente ao noticiar o debate. Isso foi analisado como uma atitude intencional para diminuir sua importância. A conclusão da pesquisa é de que o *Globo* é favorável a Reynaldo de Barros e não deu importância ao debate "buscando esconder a vitória do Senador Franco Montoro".

A validade dos resultados de pesquisa não está em questão agora. O certo é que a quantidade e posição dos títulos fotos e chamadas; o número e o enfoque das notícias sobre determinado acontecimento não são determinados ao acaso. A discussão sobre a imparcialidade continua assim como continua também a realidade parcial dos jornais. (Iara Altafin).



JORNAL DOS CONCURSOS

PUBLICAÇÃO NACIONAL

JORNAL INFORMATIVO A SERVIÇO DO PÓVO DADOS FORNECIDOS POR FONTES FEDERAIS, ESTADUAIS, MUNICIPAIS E BANCÁRIAS. INFORMAÇÕES SOBRE ABERTURAS DE INSCRIÇÕES, PROGRAMAS, DATAS, LOCAL E HORÁRIO DE PROVAS, RESULTADOS, CLASSIFICAÇÕES E CHAMADAS DE APROVAÇÃO. ANO 9 - Nº 48 - 1.ª E 10.ª DE JUNHO DE 1982 - CIRCULAR Nº 100-82

Coluna do leitor
Fique sabendo...

Dicas e comentários sobre Concursos Públicos

Detetive Policial

Inscrições abertas
2.144 vagas

Banco do Brasil

Relação de vagas por cidade Inscrições abertas em todas as agências

INSCRIÇÕES ABERTAS

LEIA NESTA EDIÇÃO

• AGENTE ADMINISTRATIVO
• JUIZ DO TRABALHO SUBSTITUTO
• PROFESSOR MUNICIPAL II • AUXILIAR ADMINISTRATIVO • AUXILIAR DE BIBLIOTECA • RECEPCIONISTA DE BIBLIOTECA • ARQUIVISTA
• SUPERVISOR DE SEGURANÇA DO TRABALHO

ANUNCIADO - Santa André
- Relatório de classificações inscritos
TACUIGRAFIA LIBERATIVO -
AUXILIAR DE TACUIGRAFIA LIBERATIVA
- Brasília - Datas e locais de provas
TÉCNICO DE SOM - Brasília
- Resultado final de concurso
ANALISTA DE SISTEMAS - AUDITOR E ECONOMISTA-TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO - PE de Santa André - Relatório de classificações inscritos.

A partir desta edição acompanhe o

Simulação JC

Nível básico
Banco do Brasil

Um Concurso bem Concorrido

O Banco do Brasil abriu concurso para preencher 4.097 vagas em todo o território nacional, com salário inicial de Cr\$ 69.693 mil cruzeiros. Até aí, a rotina. A novidade está na previsão de seu Departamento de Recursos Humanos: vão se inscrever cerca de dois milhões de candidatos e grande parte deles localizados na faixa de mão-de-obra qualificada. Isto é, grande número de pessoas graduadas ou prestes a se graduar com nível superior estão ansiosas para fazerem logo as provas classificatórias de um concurso que exige apenas a conclusão do 1º grau.

Há exatamente dois anos, os primeiros cursinhos surgiam em Brasília para aperfeiçoar os futuros candidatos, dando dicas e novos conceitos sobre as disciplinas que constariam na prova classificatória. Os professores, na maioria, eram os próprios funcionários do Banco, que além do conhecimento nas diversas áreas, eram dotados de grande experiência bancária. Hoje o "boom" dos cursinhos é uma realidade. Os jornais da cidade lotam suas páginas com anúncios das várias escolas aperfeiçoadas em concursos.

"Garanta sua vaga no Banco do Brasil, você só precisa de força de vontade e um ensino bem dirigido", Prepare-se conosco e garanta sua vaga, professores especializados, testes semanais e simulados", "A maior equipe de professores, nunca antes reunida..." Estes são alguns dos muitos slogans espalhados pelas paredes das universidades, escolas, teatros e também bancas de jornais da cidade.

De acordo com informações de Valdemar Raimundo de Moraes, diretor de um cursinho preparatório para o concurso do Banco do Brasil, o curso é procurado por pessoas que têm acima do 2º grau. "Nós não adotamos o uso de cadastros dos inscritos, mas o tipo de aulas dadas, as perguntas vindas dos concorrentes indicam o nível elevado de suas escolaridades". Segundo Moraes, o interessado que estiver

disposto a frequentar as aulas, deverá pagar uma taxa de Cr\$ 15 mil cruzeiros, que é parcelada em dois meses, tempo de duração do cursinho.

Moraes afirma que "as matérias, matemática, português, contabilidade e prática bancária fazem parte das provas que irão classificar os concursados. Fonética, morfologia, sintaxe, ortografia semântica são alguns dos itens do programa de português. Operações fundamentais, potenciação, regra de sociedade, câmbio, juros e descontos constarão na prova de matemática. Na parte de contabilidade geral, patrimônio, escrituração, fórmulas de lançamento, registros contábeis, com certeza, são itens que têm chances de serem perguntados. Sistema Financeiro Nacional, principais operações bancárias, tipos de empresas, direitos de garantia fazem parte do programa de práticas bancárias.

Na opinião do diretor do cursinho, a matemática e contabilidade são as disciplinas que apresentam maiores dificuldades para os alunos, uma vez que estes geralmente vêm da área de humanidades. "É bem menor o número de concorrentes vindos da área de exatas" — diz ele.

Ainda, para complementar a "onda dos cursinhos", além das apostilas sobre o concurso, a editora e publicações Osvado Aparecido de Oliveira lançou o Jornal dos Concursos, contendo todas as informações sobre os concursos em todo o Brasil. Nele são publicados editais, programas, datas das inscrições, locais e horários das provas. Custa Cr\$ 100 cruzeiros. Miguel Dantas Filho, representante do Jornal dos Concursos em Brasília e dono de uma banca de revistas, localizada na avenida W-3 Sul, garante que o veículo é bastante procurado. Ele chega a vender cerca de 500 exemplares por dia, o que representa grande interesse do público pelos concursos, vez que há a oportunidade de mudar o nível de suas vidas.

(Mércia Martins).

É só ter o 1º grau

Quem satisfazer as exigências dos editais do concurso do Banco do Brasil, ou seja, possuir o 1º grau completo ou equivalente, ser brasileiro ou português com direitos e obrigações políticas e civis reconhecidas no país, ter 36 anos incompletos ou 18 completos até o final das inscrições, se do sexo masculino estar em dia com as obrigações militares e pagar uma taxa de Cr\$ 800 cruzeiros, estará apto a concorrer a uma, das 614 vagas existentes no Banco do Brasil, em Brasília.

Segundo dados do Departamento de Recursos Humanos do Banco, existem 4.507 vagas para todo o Brasil. O salário inicial oferecido é de Cr\$ 69.693 mil cruzeiros para uma jornada de trabalho de seis horas contínuas.

O maior número de vagas está no Distrito Federal, seguido do Paraná com 491, Minas Gerais com 431, Santa Catarina com 359 e outros estados. Além do salário inicial, o Banco oferece quotas quinzenais e participação em planos assistenciais na área médica e odontológica. Compromete-se, ainda, chamar os classificados no prazo de doze meses a partir da data da divulgação do resultado do concurso, desde que satisfeitas todas as exigências.

Desta forma, "diante da falta de oportunidade sentida por todas as categorias de profissionais, o concurso do Banco do Brasil aparece como uma nova opção aos desempregados ou sub-empregados para melhorar suas vidas. Certo é que grande parte dos concorrentes precisam dessa fonte de renda. No Brasil, considerar o desemprego um problema apenas social está virando modismo, e esse concurso é uma prova de que a situação de vida do brasileiro vai de mau a pior". E esta é a opinião de Getúlio Dutra, um funcionário público, que aposentado, faz questão de entender um pouco menos de todos os problemas do dia-a-dia do homem com a finalidade de viver um pouco mais.

(Mércia Martins)

Nos cursinhos, a esperança de aprovação

Por volta das 10 horas da manhã, um pequeno trecho da avenida W-3 fica lotado de gente. Às vezes, às 9 horas da noite, jovens e adultos trocam idéias, queixam-se de suas vidas, prometem esforçar-se para alcançar os melhores resultados. Sonham enfim, com dias melhores.

O concurso do Banco do Brasil está "mexendo" com grande parte da população de Brasília, e o trecho da avenida W-3 que fica lotado de gente é o lugar onde funcionam diversos cursinhos preparatórios para o concurso.

Regina Maria será uma das concorrentes e está se preparando para disputar uma, das 614 vagas existentes no Distrito Federal. Tem 27 anos e é formada em Letras pelo Ceub. Ela conta que tem tentado vários concursos, sendo que no último, para tradutora, foi classificada, mas está esperando ser chamada há seis meses. "Eu não vou ficar marcando bobeira, pois tenho que ajudar meu marido e criar meu filho. Estou estudando pacas para o BB e acho que tenho chances de passar, já que na minha área, minha amiga, está muito difícil de achar emprego".

Para Sônia Gonçalves, 32 anos, formada em Economia e desquitada, "o cursinho é muito útil. Larguei meu emprego, entrei para o cursinho, mas meu ex-marido me ajuda a criar nosso filho. Quando trabalhava na minha área, além de ganhar pouco, me desgastei muito". Sônia desabafa: "Tenho que passar de qualquer forma no concurso do Banco do Brasil".

Waldemir Pedrosa, formado em Psicologia, trabalha na Papuda à tarde, mas ganha pouco: "Eu sou solteiro. Acho que os dois empregos serão ótimos para mim. O trabalho na penitenciária é muito cansativo. Exerço minha profissão, mas quero também trabalhar no BB, pois vou ganhar mais".

Solange Mendes, por outro lado, está desempregada. "Eu não perco uma aula, pois estou aprendendo muito no cursinho. Os professores explicam bem as matérias, mas a matemática não entra na minha cabeça". No final do ano, Solange pretende formar-se em antropologia pela Universidade de Brasília: "Sou casada e quero ajudar meu marido".

Lúcia Araújo é outra concorrente a uma vaga. É jornalista formada pela Universidade de Brasília. "Há 9 meses estava desempregada. Procurei trabalho em vários jornais e assessorias, até que surgiu o anúncio do concurso do Banco do Brasil e eu resolvi fazer o cursinho para melhor me preparar. Agora trabalho em um jornal da cidade, mas o salário do Banco é melhor".

As expectativas do Departamento de Recursos Humanos do Banco do Brasil são de que o concurso atinja mais de 40 mil inscrições, só aqui em Brasília. Torna-se óbvio que pelos depoimentos, existe a necessidade de empregos na capital do país. As novas gerações estão sentindo falta de espaço e oportunidade para desenvolver seu potencial. Quando surge uma chance, a luta por uma classificação é tamanha, que a faixa de mão-de-obra desqualificada vai acabar não conseguindo ser classificada para ocupar cargos do Banco do Brasil.

Cada Capital tem a TV que merece

Com uma produção totalmente brasileira a TV Capital apresenta uma programação baseada em telejornais, programas infantis, com o uso mínimo de enlatados e sem novelas, devido à falta de condições em Brasília para realizá-las. Segundo declarações de Heitor de Andrade, chefe de jornalismo, a emissora caracteriza-se por ser uma estação que se propõe a buscar o público elitizado e seu objetivo é trazer as informações do país todo, centralizando-as em Brasília.

Para se formar uma rede de TV são necessárias pelo menos cinco estações e a Rede Capital de Comunicações almeja formar uma. Ela participou da concorrência para a aquisição das duas redes formadas com a dissolução da Rede Tupi porém perdeu para o Grupo Sílvia Santos. Sua rede de rádio é bem extensa, com

estações nas cidades de São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Rio Branco, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília e Juiz de Fora.

Operando com equipamentos de nível bom mas com um orçamento baixo, a TV Capital nem sempre apresenta programas de boa qualidade. No noticiário *Visão da Capital* às 10 horas da noite, nota-se a precariedade da parte visual principalmente na parte internacional. O locutor do programa apenas lê as notícias internacionais que seguramente já foram dadas pelas outras emissoras concorrentes com um aparato cênico enorme. Esta falha deve-se ao fato da Rede Capital não ter contrato com as agências internacionais de notícias para o fornecimento de videotapes, nem tampouco correspondentes no

exterior. A saída encontrada por eles é fazer uso de informações do corpo diplomático e do Itamaraty. Há inclusive um programa aos sábados chamado *Panorama*, todo sobre Diplomacia. A parte de notícias locais é melhor, apesar de só contar atualmente com seis repórteres. Há dois meses atrás ocorreu uma mudança na direção com a saída de um diretor e da chefe de reportagem, Neusa Bernardes. Foram realizados vários cortes, principalmente no pessoal. Cerca de 100 profissionais foram demitidos, o que gerou uma certa desavença entre o meio jornalístico local e a nova direção da emissora.

Apesar destes problemas, a TV Capital canal 8 não usa o sensacionalismo para atrair os telespectadores, como o faz a Rede Globo com programas como o *Fantástico* ou *Caso Verdade*, e a TV Brasília

com o programa *Brasília Urgente*. Também diferente das demais é o grande espaço que o programa *Capital: Cidade Aberta* às 8 da noite com entrevistas ao vivo, abre para todos os fatos locais, embora se possa ver aí um indício de que a TV Capital aproveita tudo que lhe cai às mãos, seja o fato de relevância ou não.

Após a mudança de direção ocorrida na emissora, a produção e o faturamento aumentaram, este último devido ao grande número de pequenos anunciantes que têm procurado o canal 8 para veicular seus anúncios atraídos pelos preços mais baixos da publicidade. No entanto, segundo declarações de gente que trabalha lá dentro, a produção e manutenção da estação de TV estariam dando prejuízo.

(Wilza Toscano)

Professor da UnB participará do I Festival de Filmes de Delphus.

Pedro Jorge Pinto de Castro, professor de televisão do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, que faz cinema há 14 anos, foi convidado a participar do Festival Internacional de Filmes de Delphus, na Grécia, com o curta "Em Memória de D. Maria I".

"Em Memória" é apenas um dentre os sete curta metragens que já produziu, e três que ainda estão em fase de filmagem. Segundo Pedro Jorge, este filme "é uma tentativa de dizer que se somos hoje o que somos como povo e como Nação, não é por obra e graça do Espírito Santo, mas pela série de maus governos que tivemos. E a figura de D. Maria I é o protótipo".

O reinado de D. Maria I caracterizou-se pela repressão aos ideais econômicos e políticos do Brasil. O filme aborda a história de uma pequena fazenda em ruínas onde as pessoas vivem miseravelmente. Na verdade, uma temática sempre atual que, segundo Sílvia Nogueira, economista, é "a situação de dependência cultural que ainda hoje nos defrontamos, e cujas origens certamente estão nos atos de governantes da índole despótica de uma Dona Maria I".

O filme chama a atenção para os ciclos históricos que estão voltando; o ciclo do ouro (Serra Pelada), o ciclo da cana-de-açúcar (pró-álcool), o ciclo da soja (gerando o aparecimento de cidades como Cascavel no Paraná) e mesmo com toda a riqueza que esses programas trazem, permanecem as graves distorções econômicas e sociais, prejudicando principalmente a grande massa.

"Em Memória" estará seguindo para o Festival de Delphus, no início de julho e será exibido na última semana do mesmo mês. Esta mostra é muito importante. De um lado, por ser uma espécie de acontecimento máximo do Ministério da Cultura da Grécia, e de outro por ser palco de debates, pronunciamentos e manifestação

da posição de pessoas sobre o cinema como instrumento social.

O professor Pedro Jorge já está convidado para esse festival. Encaminhou pedido de passagem ao Itamaraty, mas até agora não obteve resposta.

Segundo ele, não é a primeira vez que solicita passagem ao Itamaraty, que nega sem explicações. Pedro já foi convidado para participar de outros festivais, mas só iam seus filmes. Agora seria a grande oportunidade para acompanhar e explicar seus trabalhos.

O cinema está há muito tempo na vida de Pedro Jorge de Castro. Quando estudava Arquitetura em Roma, acabou passando para a área cinematográfica, a sua grande paixão. Começou em 1968 com o curta "Estudantes no Trabalho", filme-tese de fim de curso.

Depois fez "As Formas Geométricas", em Portugal, "Chica da Silva", no Brasil — que ganhou a I Mostra Nacional de Filme Documentário. Filmou também "Brinquedo Popular do Nordeste", que ganhou o X Festival de Brasília e hoje é exibição obrigatória da Embrafilme para seus convidados. Pedro Jorge afirma que "nunca filmei um metro de película com dinheiro da Embrafilme. É mais difícil do que fazer os próprios filmes". "Beinque-do Popular" é exibido atualmente, em todo o país em escolas, bairros, e universidades.

O quinto curta foi "Em Memória de D. Maria I" seguido de "Boca de Forno", um filme didático, que trata do desequilíbrio ecológico, mas que mudará de nome porque apareceu outro com o mesmo título e, segundo Pedro "é impossível dois filmes coexistirem com a mesma denominação". Depois filmou "De Sol a Sol" — um trabalho de análise e interpretação sobre a produção agrícola em minifúndios.

Ele ainda tem três filmes inacabados: "A Recriação do Mundo", "Vinte Anos

de Antônio Luzia" ou "Grileiro Grilado" e "Quem foi Santos Dummont", um trabalho iniciado com o financiamento do Itamaraty, cuja verba não foi suficiente para terminar o filme.

Agora Pedro Jorge está fazendo outro curta — "A Fazenda do Pau d'Alho" e um longa metragem — "Tiji Pião" — drama de um homem que tinha seu espaço na pequena comunidade pela posse e que perdeu-a, indo trabalhar como qualquer um dos seus antigos trabalhadores. Esse filme será rodado no Ceará.

Pedro Jorge já participou, com seus filmes, de vários festivais. Em Ázalo (Itália), em Los Angeles (EUA), em Portugal, no Brasil e agora na Grécia.

Atualmente está pleiteando um financiamento da Embrafilme para rodar o "Tiji Pião", em co-produção com a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura.

Uma parcela de bilheteria destinada a Pedro Jorge será revertida para a Fundação, com o compromisso de que seja destinada à atividades cinematográficas. Num tentativa de estimular o interesse para o cinema cearense, que já tem o trabalho do professor Eusélio Oliveira na "Casa Amarela", uma espécie de pólo de produção de cinema.

Para Pedro Jorge a saída extrema para que os filmes de produtores sem recursos sejam assistidos, é colocá-los debaixo do braço e sair por aí fazendo mostras. Ele já pôs isso em prática, organizando a mostra "Daqui Dacolá", numa verdadeira maratona por Estados brasileiros como Pernambuco, aqui mesmo no Distrito Federal, Ceará, Maceió, Sergipe, Minas Gerais, Paraná e Bahia.

No Brasil, como se vê, os pequenos produtores de cinema ainda no estado medievalista dos trovadores, que saiam de cidade em cidade divulgando a sua arte.

(Eujane Dantas Medeiros)

Radiobrás já toca músicas estrangeiras

A rádio Nacional AM de Brasília, surpreendendo os ouvintes mais habituados com sua programação, passou recentemente a veicular músicas estrangeiras. Um fato que a produção da emissora considera normal, "já que isto não implica em alteração na política da empresa", que só toca música nacional, com exclusividade na sua emissora FM e na Rádio Nacional da Amazônia.

Pelo menos é o que afirma um dos responsáveis pela produção. O diretor Fausto Wainer diz que a AM sempre teve liberdade de programação e o número de músicas internacionais constitui apenas 5 por cento do total tocado. "Simplesmente não havia ainda sido levantada a hipótese de se alterar a programação. De uns dois meses para cá aconteceu esta mudança, mas a filosofia de só tocar músicas nacionais continua valendo para a FM e Nacional da Amazônia".

Contrariamente a essa opinião manifesta-se o professor Ubirajara da Silva, professor do Departamento de Comunicação da UnB e um dos autores do projeto de criação da Radiobrás. Para ele, esta atitude da Nacional é "servilismo, é submeter-se à estrangeiros e é uma traição aos interesses públicos".

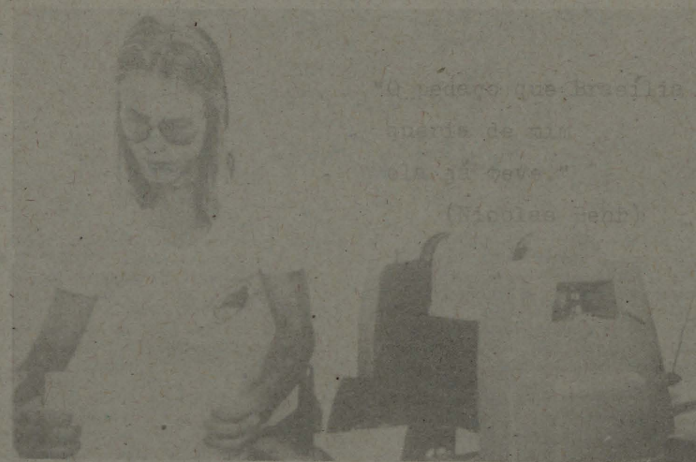
Segundo o professor Ubirajara, a questão se resume ao debate sobre se deve ou não existir uma empresa estatal de radiodifusão. Para que ele se justifique, tem que estar comprometida com a cultura brasileira. "Quem paga a festa na Rádio Nacional é o povo brasileiro; ele não pode ser traído por administradores".

Ainda dentro dessa linha de pensamento, a Radiobrás teria que ter objetivos de relevância social, isto é, não pode ficar perdida na busca do lucro. "Qualquer lucro que ela tiver, se tiver, tem que ser com música brasileira".

A Radiobrás não vê motivos para alardes, o que é perfeitamente justificável na opinião do professor. Ele acredita que os administradores fazem este tipo de mudança na "calada da noite", justamente porque para eles não é conveniente polemizar. Se chega vir a público qualquer acusação de que estão de certa forma defendendo os interesses das gravadoras multinacionais, "eles se lancam".

Este pudor do governo, "em não assumir uma postura totalmente nacionalista e em não se comprometer, incondicionalmente, com a cultura brasileira, só dá espaço para aqueles que defendem a total desestatização dos meios de comunicação. Uma empresa pública passa a não ter mais porque existir, se ela assume o mesmo papel das empresas privadas, que têm única e exclusivamente a preocupação com o IBOPE."

Ubirajara acredita que mesmo que seja somente 5 por cento da programação, o fato da Nacional AM veicular música internacional é suficiente para preocupar. (Elizabeth Bohrer)



Poesia Marginal: uma explosão criativa que já não acontece mais

A Poesia Marginal, que tem suas raízes ligadas ao Tropicalismo, chegou em Brasília com dez anos de atraso e, no período de 1977 a 1981, desenvolveu aqui um movimento literário pouco conhecido e não levado muito a sério. Clandestinamente, milhares de livros eram mimeografados e buscavam o leitor em portas de teatros, bares e escolas.

Em 1978, uma Mostra de Poesias, realizada no Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, catalogou mais de 300 poetas de toda a cidade, muitos já com alguns "livrinhos publicados". De repente, sumiram os poetas e a poesia, e o fato de, em maio de 1982, apenas se ter notícia de um único livro lançado, leva muitos a perguntarem se a Poesia Marginal não foi mais uma tendência literária que caiu de moda.

Nicolas Behr, um dos precursores do movimento com o seu "logurte com Fariinha", não concorda com essa afirmação. "A Poesia Marginal não foi uma moda, foi uma coisa que deu certo, uma explosão criativa que Brasília não verá tão cedo. Foi um momento em que todas as artes se juntaram e deram à cidade a alma que ela não tinha". Sempre falando no passado, ele continua: "Não havia compromisso de continuidade. Era uma coisa espontânea e o que a gente queria era registrar o que se passava naquela época, com as informações e recursos que nós, jovens da classe média tínhamos. Hoje, a gente vê a coisa com mais distanciamento e é essa compreensão que diminui a nossa ação. Nós temos consciência que a espontaneidade daquele tempo era decorrente da ingenuidade geral".

A expansão da Poesia Marginal se deu quando a censura política era mais rigorosa e os jornais de maior penetração no país eram os "nânicos". Ainda para Nicolas, "foi a censura política uma das coisas que aguçou aqui no planalto a veiculação da poesia, marginal em relação ao sistema e às editoras, mas não em relação ao público. Naquele período, as pes-

soas adoravam as irreverências daqueles poetas desprezados que diziam o que pensavam sem medo, muitas vezes até de uma forma agressiva. A nossa ingenuidade e rebeldia acabavam conquistando as pessoas. No meu caso pessoal a poesia tinha uma função terapêutica, era a terapia de pobre; mas hoje, como o problema já está resolvido, talvez eu só lance livros daqui a cinco anos. O pedaço que Brasília queria de mim ela já teve".

Em 1981, a poesia marginal se consagrou. Virou tema de tese, de telenovela e até de samba-enredo. Para Sóter, que nesses quatro anos lançou 11 livros, essa absorção que a poesia vem sofrendo está assustando os poetas. "Ser assimilado pelo sistema foge à nossa proposta imediata, do nós aqui e agora. Hoje eu quero viver a poesia em todos os lugares, falar poesia como se fala da vida alheia ou de futebol. A gente cansou de ser poeta do papel".

Sóter aponta o endeusamento, às vezes não aparente para o público leitor, como uma das causas que levaram os poetas a diminuírem o seu ritmo. "De repente, Brasília se transformou na Capital Brasileira da Poesia e começou então a determinar os poetas oficiais da cidade, e isso não é legal". Segundo Sóter, o movimento não conseguiu atingir todos os seus objetivos quando propunha o renascimento e a constante renovação da poesia, pois havia a forte dependência de uma liderança que, abandonada por alguns poetas, causou o esvaziamento do movimento".

Também Paulo Tovar não tem lançado livros. Tem se voltado para a descoberta e editoração de novos autores e para uma vida em maior contato com a terra. "Agora eu quero um tempo para mim mesmo. Antes havia um ímpeto juvenil de viver de poesia, e o meu projeto atual é a "numas de ler", uma editorazinha que tem a intenção de possibilitar que as coisas continuem a acontecer e que as pessoas continuem a lançar seus livrinhos. Por enquanto meus poemas são as abobrinhas que eu

planto, são as laranjas que as formigas não comem e isso é um aprendizado para os novos livros que vão brotar".

Para ele, essa poesia foi o reflexo de uma época, o xerox de uma geração, e já cumpriu seu papel dando vida e um passado cultural a Brasília. "Agora a cidade já tem do que sentir saudades, ou como disse Sóter, agora as pessoas já podem sentar na calçada pra contar histórias".

O primeiro e único lançamento de poesia que se teve notícia esse ano foi o do livro Expectativa, de Noélia Ribeiro. Noélia, que segue o movimento desde 78 e chegou a ser considerada uma de suas musas, só agora encontrou coragem e condições para soltar um livrinho seu: "Desde aquela época eu queria entrar na festa,

mas a coisa era mais de homem e o meu trabalho não enquadrava nos padrões literários que também existiam. Os meus poemas não são muito curtos e tratam mais do lado afetivo, lado esse que quase chegou a ser castrado, uma vez que os poetas só se preocupavam com as questões sociais como a fome, a repressão e o desemprego. Racionalizava-se muito, até os sentimentos".

Segundo Noélia, as pessoas hoje estão mais abertas para a poesia e sentem falta da vida que os poetas davam às ruas. Passaram, a partir dessa ausência a reconhecer a Poesia Marginal como uma das características do cotidiano da cidade. Poesia agreste e seca como a flor do cerrado. Cotidiana como o pastel e o caldo de cana da rodoviária". (Antonio Emílio).

O "Esquadrão da Vida" está levando o Teatro para as ruas

O slogan **Guerrilha do Bom Humor** define bem a proposta do Esquadrão da Vida. O grupo fundado por Ary Parrairos há três anos desenvolve trabalhos de teatro ao ar livre. O palco preferido são as ruas e o trânsito "maluco". Vestem-se de palhaços, com roupas coloridas, fazendo acrobacias, piroetas, pirâmides, tudo em função de descontrair e fazer rir as pessoas.

A idéia de ir para as ruas, tirando o teatro da prisão em que se encontrava, fazendo com que o público participe diretamente, não é nova. Desde a década de 60 que este trabalho é desenvolvido na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de romper com a formalidade e isolamento do teatro moderno, numa tentativa de voltar ao início dos teatros romano e grego, quando ainda era uma festa do povo.

No Brasil, esse movimento pouco desenvolvido e incentivado ainda hoje tem um número pequeno de adeptos. São poucos os atores que aceitam se expor sem as conveniências do palco, pois sua formação não os prepara para um contato direto e imediato com pessoas em trânsito e surpresas. Existe também o problema do que fazer.

Na rua não há tempo para textos: a relação com o público, o tráfego e o elemento surpresa é muito rápido. Ou acontece ou não acontece. E o envolvimento, depende exclusivamente da dinâmica com que os atores se entregam ao espetáculo, de modo a estar calcado num roteiro como se dá no palco. A proposta deve ser flexível pronta para o inesperado. E a base do trabalho de rua é o movimento e as formas bem coloridas dos estandartes e figurinos, para chamar a atenção. A música, os instrumentos, também dão uma dimensão maior de ritmo, de voz. A expressão corporal e o entrosamento do conjunto, formam a estrutura do trabalho ao ar livre, em contato direto com as pessoas.

Isto acontece porque Ary é confessionalmente um ser aberto à transformações. Daí a base para desenvolver acrobacias, cambalhotas, pirâmides, saltos mortais e piroetas, com o pessoal do "Esquadrão".

"É importante dizer que não basta fazer o movimento", reforça Ary Parrairos. A este ritmo e a esta fluência, somam-se graça e leveza, a experiência com a dança, num cenário totalmente improvisado que é a rua, cheia de carros, sinais de trânsito, pedestres — seu público.

"E é aí, em meio a expressão máxima da neurose urbana, com atores acrobatas, vestidos de palhaços, que apresento a proposta de alegria, de descontração em defesa da saúde do coração e do corpo, da possibilidade de cada um rir e brincar, trocar um momento de cumplicidade num sorriso", afirma Ary.

"O Esquadrão da Vida, ao longo desses anos, tem sofrido períodos de desativação, como o próprio teatro em geral. O preparo necessário exige uma disponibilidade total, não só afetiva mas também de tempo. E aí os problemas de ordem prática interferem, trazendo consigo esses períodos de desarticulação. E isso sem mencionar a tão falada falta de vontade da rapaziada candanga", desabafa Ary.

O trabalho de rua do Esquadrão da Vida, na maioria das vezes, é feito por conta própria. Fora os ganhos com apresentações de peças, o DETUR e as Associações de Classe contratam o trabalho do grupo no Eixão do Lazer e em Colônias de Férias.

O grupo composto de Sérgio Ulhoa, Rose de Souza, Vick Lobo, Luís Linhares, além do próprio Ary, está reativado e preparando-se para sair às ruas.

Paralelamente estão montando uma peça para teatro, chamada Loucura. A peça é uma reflexão sobre a alienação do homem moderno, de si, seus deuses e seus demônios, como define Vick Lobo. A direção é do próprio Ary e a estréia está marcada para agosto, aqui em Brasília, no Teatro Nacional. (Sueli Tapajós).

Sônia Maria ganha medalhas na natação



Sônia Maria foi a exceção numa competição em que a AAAUnB não saiu-se muito bem

Com a participação de 150 atletas de Brasília, Minas Gerais, São Paulo e Goiás, realizou-se no dia 23 de maio no Centro Desportivo Presidente Médici o I Festival Universitário de Natação, que teve como vencedora a equipe da Faculdade de Educação Física Dom Bosco, de Brasília, com 193 pontos.

A Universidade de Brasília ficou em segundo lugar, com 171 pontos. Em seguida veio a Universidade XI de Agosto, de São Paulo, com 106 pontos; em quarto, a Universidade de Goiás, com 101 pontos; e em quinto a UNESP, de São Paulo, com 89 pontos. Em último lugar ficou o Ceub, de Brasília, com 76 pontos. Com muita garra as 23 modalidades foram disputadas durante mais de cinco horas, sendo escolhido o "hall" do restaurante da UnB para entrega dos prêmios.

O Chefe do Departamento de Educação Física da UnB, professor Alcyr Braga, falou sobre a importância do evento: "Fico muito satisfeito por ter sido uma programação da AAAUnB que teve um bom desempenho, dentro do espírito de sempre procurar motivar e desenvolver o desporto estudantil em âmbito nacional. O intercâmbio, através de realização de festivais a nível interestadual, é fundamental na elevação e qualificação técnica dos atletas".

Sobre opiniões desfavoráveis quanto ao nível técnico dos atletas, a presidente da AAAUnB assim manifestou: "Houve uma certa desorganização até mesmo dentro da própria AAAUnB com desfalecimento de componentes da associação". E para evitar novas ocorrências neste sentido, na última reunião da AAAUnB, Sônia Maria Neves Bittencourt de Sá, titular da associação, demitiu três dos membros da equipe alegando "que de boas intenções o inferno está cheio, pois não adianta nada só falar que vai fazer".

Contudo, Sônia Maria, atleta e aluna da UnB, "mesmo cansada com muita sobrecarga devido aos trabalhos de organização e supervisão do Festival", foi quem segurou as pontas para a UnB, ganhando duas medalhas de 1º lugar e uma de 2º aumentando assim o número de pontos para a classificação final da AAAUnB. Ela, entre outras equipes, foi a única nadadora a ganhar três medalhas. Venceu a prova de 100 metros "Nado Livre", nadando como uma golfinha manteve a mesma colocação na prova de 100 metros "Nado Borboleta" e embora cansada como disse, classificou-se em 2º lugar na prova de 200 metros "Medly Individual".

(Hélcio Vieira Cordeiro)

AAAUnB assume PROGRAMA

A Associação Atlética Acadêmica da Universidade de Brasília (AAAUnB) assumiu o Programa de Bolsa de Trabalho Esporte, que até então era atividade controlada pelo Serviço de Apoio Cultural da UnB em convênio com o MEC. Essa atitude foi consequência do desinteresse da Secretaria de Assuntos Comunitários do MEC pela continuidade do programa existente, não mandando verba para pagamento dos alunos que trabalham naquele programa. Com a finalidade de resolver a situação, a Coordenadora de Serviço de Apoio Cultural da UnB, Conceição Zotta, passou toda a estrutura do programa para a Presidente da AAAUnB.

Segundo Conceição Zotta, não houve por parte do MEC uma explicação pelo corte da verba. Portanto, não se tem conhecimento exato do motivo pelo qual o dinheiro não foi mandado. Em seus contatos com o coordenador das Atividades Culturais, Cícero Adolfo, ela obteve apenas explicações de que havia mudanças

nas estruturas de diversos programas. Em função do que ocorreu, as atividades esportivas foram então assumidas de vez pela AAAUnB que, para manter os cursos, estabeleceu uma taxa mínima a ser paga pelos interessados em cursar qualquer atividade esportiva nos horários especiais, que caem fora dos períodos de aulas normais. A taxa de Cr\$ 500,00 vale para todo o semestre e ela se destina a ajudar no pagamento de todas as atividades esportivas executadas.

Conforme disse a presidente da AAAUnB, Sônia Maria Neves Bittencourt de Sá, "exercitar o esporte é dar continuidade ao trabalho dos alunos da Educação Física, é uma forma de integração universitária muito grande entre professores, alunos e até mesmo funcionários da universidade. É como se fosse um estágio nesse trabalho que fazemos: ele é a continuidade de nossos conhecimentos, que aplicamos dia a dia nas atividades executadas". (Hélcio Vieira Cordeiro).

Brasília: Capital sem Futebol no país do Fubebol

E vai dando Brasil nesta Copa do Mundo, versão Espanha/1982. Passada a primeira fase, a seleção brasileira, depois de vencer a União Soviética (2x1), Escócia (4x1) e Nova Zelândia (4x0), prepara-se para disputar mais uma etapa, enfrentando Itália e Argentina. Quaisquer que sejam os resultados desses jogos, o futebol terá provado mais uma vez a sua importância para o povo brasileiro. O jogo de bola é, sem sombra de dúvida, uma unanimidade nacional. Mas, enquanto o brasileiro curte a sua seleção, o brasileiro (que, é claro, também torce loucamente pelo Brasil) não descobriu ainda o seu futebol. É o que conta o repórter Bartolomeu Rodrigues.

Já se tentou de tudo em Brasília: três estádios, construídos em tempo recorde, criação de equipes e clubes, e até investimento na compra de alguns passes famosos (como o do aposentado Fio Maravilha). No entanto, o futebol do Distrito Federal parece fadado ao fracasso, numa cidade em que as tardes de domingo, ao contrário de todo o resto do país, são preenchidas não nos estádios, mas sim diante da TV.

E nas semanas que antecedem a Copa do Mundo, algumas curiosidades podem ser observadas: só um em dez brasilienses (pesquisa feita no Plano Piloto) sabe o que é campeonato regional está em andamento. Mais: qualquer garoto é capaz de dizer, num só fôlego, a escalação de times como Flamengo ou Vasco. Não sabe, porém, responder o que seria mais elementar em qualquer outra capital — quantos times disputam o campeonato brasiliense? A resposta, por sinal, demonstra claramente o desinteresse da população pelo desenvolvimento do esporte profissional local: são sete, e todos eles, com exceção de um, o Tiradentes (da Polícia Militar), ostentam os nomes das cidades-satélites que servem como sede. Taguatinga, Gama, Sobradinho, Guará e Ceilândia, todos eles formados com poucos recursos e que por isso mesmo sofrem dificuldades para renovar seu quadro.

"Há sete anos é a mesma coisa". Gustavo Mariani, jornalista, autor do livro "A História do Esporte em Brasília" culpa os atuais dirigentes dos clubes locais como os principais responsáveis por essa impopularidade: "Falta visão. Parece coisa de interior. Além disso, quem vem morar em Brasília sempre traz consigo uma pai-

xão pelo clube de seu local de origem. A cidade não possui tradição esportiva". Ele lembra que há pouco tempo abriu-se uma polêmica em torno das transmissões de jogos ao vivo para o DF pela TV. A Federação Metropolitana de Futebol (local) tentou reagir às transmissões, que estariam prejudicando as rendas nos estádios da cidade. Contudo, por mais pressão que tenha feito junto ao Governo do Distrito Federal para coibir esta prática, nada se conseguiu.

"Afinal" — dizem os dirigentes locais — "o presidente Figueiredo mora em Brasília e é torcedor do Fluminense. A briga em torno das transmissões deu por encerrada com a determinação do governador Lameira: "As emissoras podem veicular à vontade os clássicos cariocas". Tristeza para a Federação, que desse modo condiciona a sua tabela de campeonato com a do Rio, e alegria para as emissoras, que logicamente faturam com os patrocinadores.

A TV não quis, porém, arcar com a responsabilidade do fiasco esportivo brasiliense. Um pequeno espaço foi aberto para os comerciais em que ídolos como Zico, do Flamengo, incentivam a população a valorizar o futebol local. Também o GDF tapou as arestas: atualmente, investe na reconstrução (ou re-reconstrução) do estádio do Centro Esportivo Presidente Médici, que já está sendo denominado de "Lameirão". É uma tentativa de retirar o futebol das satélites para o Plano Piloto.

Mas é nas cidades-satélites que o futebol brasiliense ainda engatinha. Na "força" do Taguatinga está sua maior expressão — participou do Campeonato Nacional e perdeu todas as partidas. É o campeão da cidade e líder a atual fase. Além disso, é o berço do único ídolo que a cidade pôde conceder — Banana, agora jogador do Guarani, de São Paulo.

Banana disputa com Jânio, também do Taguatinga, a popularidade nas cidades-satélites. No auge da fama, em 79, os torcedores iam ao estádio com folhas de bananeira. Era a glória para o ídolo, consagrado graças a um esforço quase sobre-humano do clube e da própria imprensa local, que empenhou-se na primeira produção de um astro local. Banana saiu e as atenções voltaram-se para Jânio — na época do Guarani —, comprado pelo valor de Cr\$ 3 milhões — a maior transação já realizada no DF.

UnB lidera Volta Universitária

Promovida pela Associação Atlética da Universidade de Brasília (AAAUnB), realizou-se na última semana de maio, no Centro Olímpico, a III Volta Universitária de Brasília, com a participação de 600 atletas, num percurso de 7 mil metros. A prova teve como ponto de partida o Departamento de Educação Física, tomando a direção do "campus", seguindo até a L/2 Norte, de onde retornou pelo lado oposto, tendo como local de chegada a pista de tartan do Centro Olímpico.

A melhor participação foi de alunos da UnB,

com 118 atletas cumprindo o circuito da prova em 42 minutos (limite máximo exigido para contagem de pontos positivos); em segundo, a equipe da Faculdade de Educação Física Dom Bosco, 72 atletas, e em terceiro os representantes do Ceub, em número de 18. O fato de estar representada por maior número de concorrentes, assegurou à AAAUnB o "Troféu Participação", denominado Antônio Viana da Silva, em homenagem a esse atleta, considerado o melhor de Brasília.



Cerca de 600 atletas participaram da III Volta Universitária no campus da UnB.